



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS SOCIAIS E CIDADANIA  
(ESTÁGIO PÓS-DOUTORAL)**

**IOLANDA CARVALHO DE OLIVEIRA**

**POR UMA ÉTICA DO SENTIDO DA VIDA HUMANA: UM ESTUDO DOS VALORES  
QUE ORIENTAM O DIREITO À AUTOIDENTIFICAÇÃO E AUTODETERMINAÇÃO  
DOS POVOS INDÍGENAS POTIGUARA NA PARAÍBA**

SALVADOR/BA  
2024

IOLANDA CARVALHO DE OLIVEIRA

**POR UMA ÉTICA DO SENTIDO DA VIDA HUMANA: UM ESTUDO DOS VALORES  
QUE ORIENTAM O DIREITO À AUTOIDENTIFICAÇÃO E AUTODETERMINAÇÃO  
DOS POVOS INDÍGENAS POTIGUARA NA PARAÍBA**

Relatório Final como requisito final para obtenção do certificado de realização do Estágio Pós-Doutoral junto ao Programa de Pós-graduação em Políticas Sociais e Cidadania da Universidade Católica do Salvador.

Linha de Pesquisa: Direitos Sociais e Novos Direitos, Construção de sujeitos.

Supervisor(a): Dra. Aparecida Netto Teixeira

SALVADOR/BA  
2024

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ficha Catalográfica. UCSAL. Biblioteca Dom Geraldo Majella Agnelo

O48 Oliveira, Iolanda Carvalho de

Por uma ética do sentido da vida humana: um estudo dos valores que orientam o direito à autoidentificação e autodeterminação dos povos indígenas potiguara na Paraíba. / Iolanda Carvalho de Oliveira. Salvador, 2024.  
19f.

Supervisora: Dra. Aparecida Netto Teixeira

Relatório Final (Pós-Doutorado) – Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Pós-Doutorado em Políticas Sociais e Cidadania. Linha de Pesquisa: Direitos Sociais e Novos Direitos, Construção de Sujeitos e Cidadania.

1. Ética 2. Povos indígenas 3. Potiguara 4. Direitos coletivos I. Teixeira, Aparecida Netto – Supervisora II. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa Pós-Graduação III. Título.

CDU: 342.7:394

## RESUMO

Esta publicação cumpre a finalidade de apresentar os resultados finais da pesquisa executada no estágio pós doutoral do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Cidadania, da Universidade Católica do Salvador-UCSAL, na linha de pesquisa: Direitos Sociais e Novos Direitos, Construção de sujeitos e cidadania. No processo do estágio, o tema trabalhado na pesquisa foi a ética do sentido da vida humana, tema filosófico que se refere à compreensão das estruturas superordenadas de significados do sentido ético da vida e da ação coletiva, com base nas narrativas e nas memórias componentes de visão de mundo dos Potiguaras. O problema da pesquisa foi pautado nas seguintes questões: a) Qual(is) o(s) sentido(s) ético da vida e da ação coletiva para os indígenas Potiguara? Que noção de humanidade subjaz? Neste estudo, abordamos os seguintes conceitos a saber: Ética, visão de mundo, mundo da vida, intersubjetividade e agir comunicativo, numa imersão na obra: Consciência moral e agir comunicativo; do filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa de abordagem metodológica bibliográfica e hermenêutica, que envolveu uma compreensão metodicamente guiada pelas estruturas de significados, considerando que a hermenêutica rege processos de compreensão, viabilizada pelo recurso da linguagem e pelo movimento do pensamento. Os resultados evidenciaram as visões de mundo da vida ligado a teias e a instâncias de significação, sendo justamente a base a partir da qual qualquer experiência é constituída.

**Palavras-chave:** ética; visão de mundo; mundo da vida, intersubjetividade, Potiguara

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CNPQ - CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

CONEP - COMITÊ NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA

FUNAI - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

PPGPSC - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS SOCIAIS E CIDADANIA

UCSAL - UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR -

## SUMÁRIO

### PARTE 1 - RELATÓRIO FINAL DA PESQUISA EXECUTADA

1 INTRODUÇÃO.....	07
1.1 JUSTIFICATIVA .....	09
1.2 PROBLEMA DA PESQUISA .....	10
1.3 HIPÓTESE.....	11
1.4 OBJETIVOS. ....	11
1.5 . METODOLOGIA .....	12
1.6 PROCESSO DE ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	13

### 2 DESENVOLVIMENTO

2.1. A TRÍADE VIDA, MUNDO E MUNDO DA VIDA COLETIVA .....	14
2.2. MUNDO DA VIDA DE ONDE SURGE A SIGNIFICÂNCIA.....	16
2.3. MUNDO DA VIDA EM JURGEN HABERMAS.....	17
2.4 VISÕES DE MUNDO DA VIDA .....	21
2.5.SENTIDO ÉTICO DA VIDA E DA AÇÃO COLETIVA .....	23
2.6 VOZES POTIGUARAS E OS SIGNIFICADOS DA VIDA COLETIVA .....	25
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>39</b>

### APÊNDICES

### ANEXOS

### PARTE 2 - ATIVIDADES REALIZADAS NO ESTÁGIO DE PÓS-DOCTORAMENTO NO PPGPSC

1. PUBLICAÇÕES .....	53
2. ATIVIDADES ACADÊMICAS.....	57
3. EVENTOS CIENTÍFICOS.....	58

## PARTE 1

### RELATÓRIO FINAL DA PESQUISA EXECUTADA

#### 1 INTRODUÇÃO

Nessa parte inicial do relatório, descrevemos o processo de realização da pesquisa intitulada: “Por uma Ética do Sentido da Vida Humana: um estudo dos valores que orientam o direito à autoidentificação e à autodeterminação dos povos indígenas Potiguara na Paraíba”, trata-se de uma pesquisa qualitativa em nível de pós-doutoramento que tinha em sua proposta original ser realizado na aldeia indígena Alto do Tambá, no Município de Baía da Traição, no Estado da Paraíba por meio da realização de grupos focais como técnica de entrevista. Na proposta original, o objetivo do Projeto estava voltado para a compreensão da ética do sentido na vida de povos indígenas Potiguaras, perguntando-se de modo mais específico sobre os elementos constitutivos dessa ética, bem como sobre os valores que orientam a cosmovisão dos Potiguaras sobre a autodeterminação dos povos indígenas.

No planejamento da pesquisa de campo, cumprimos alguns protocolos, o primeiro foi o envio à Fundação Nacional do Índio (FUNAI) solicitando a autorização de Ingresso em Terra Indígena, com a finalidade de executar projetos de pesquisa científica. Em vista disto, a *pesquisa por envolver entrada em terras indígenas* foi submetida ao Comitê de Ética da UCSAL que protocolou o processo a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, que aprovou o projeto de pesquisa mediante parecer de n. 6.627.884, em anexo. Após aprovação, foram seguidos os devidos trâmites: a) Solicitação de anuência para pesquisa em comunidade indígena junto à liderança grupal; b) Envio do protocolo ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sobre o mérito da Pesquisa, através da Coordenação-Geral do Programa de Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas e Educação. No dia 26 de abril, fomos informada através de E-mail sobre os pareceres favoráveis que foram enviados para FUNAI para devidas providências.

Como a expedição de anuência para entrada, nas terras indígenas, dos Potiguaras na Paraíba não foi autorizada pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI, tornou indispensável alguns ajustes do projeto de pesquisa no que tange à temática, cuja ênfase passou a ser no sentido ético da vida e da

ação coletiva, com base na cosmovisão/visões de mundo de indígenas Potiguaras.

O sentido ético da vida e da ação coletiva é um tema filosófico que refletem nossos valores, crenças e responsabilidades, enraizadas em nossas vidas. Deste modo, propomos tecer apontamentos sobre o sentido da vida coletiva como fio condutor para compreensão de componentes de visão de mundo de indígenas Potiguara que apontam para dilemas éticos contemporâneos da fragmentação de visões de mundo sobre o sentido ético da vida.

Essa questão toma corpo nas ideias escritas no livro *The Meaning of Life*, do crítico literário britânico Terence Terry Eagleton, no livro, o autor indica que o sentido da vida não é a solução de um problema, mas uma determinada forma de viver e de existir no mundo. Nessa perspectiva, os filósofos Aristóteles, Platão, Kant, Heidegger, dentre outros buscaram explicar o sentido da vida do ponto de vista da existência humana. Deste modo, a importância deste estudo se justifica nas inúmeras referências teóricas no âmbito da filosofia e da literatura indígena, ambas relevantes em termos da compreensão das visões de mundo da vida coletiva e essencial para o aprofundamento do pensamento ético que pode trazer importantes contribuições, na reflexão sobre o modo de viver Indígena e o futuro da humanidade.

Através da pesquisa qualitativa, lançamo-nos nas análises interpretativas de abordagem hermenêutica metodologicamente guiada para compreender estruturas de significados da vida e da ação coletiva com base nas narrativas e memória de Indígenas da etnia Potiguara. Os métodos de estudo desenvolvidos foram a escuta compreensiva e a leitura compreensiva, estruturados a partir de narrativas e memórias, componentes de visão de mundo dos povos indígenas Potiguaras,, cujo processo de luta e resistência prescrevem um sentido que se vincula a um agir comunicativo, expressa em suas cosmovisão e visões de mundo.

Assim, o campo de delimitação deste estudo concerne à relação entre ética e visão de mundo da vida a partir da constituição de mundos de vida coletivos, empiricamente existentes, que articulam o sistema e a descolonização do mundo da vida. Trata-se de “descolonizar” os níveis de esferas da vida dos povos indígenas, cujas histórias evidenciam as inúmeras formas de resistência e subversão. Nessa perspectiva, visamos compor a ética do sentido do mundo da vida dos Potiguaras, que toca em áreas existenciais e da resistência dos povos indígenas.

Deste modo, a reflexão analítica sobre o sentido da vida surge como tema emergente em produções cosmovisivas, a exemplo de livros, ensaios de autores indígenas e de outras tradições filosóficas (como a continental ou africana) e de campos

não filosóficos (por exemplo, psicologia ou literatura), que fornecem respostas à questão mais substantiva sobre a natureza do significado, considerado no contexto de áreas específicas. Entretanto, nessas áreas tem sido pouco explorada a questão de compreender em que condições os povos étnicos, podem ser portadores de significados.

A nosso ver se o significado é sempre criação, o sentido, por sua vez, é quem impulsiona a produção de significado, para que possamos pensar para contemporaneidade uma ética do sentido que radicalize um modo de viver numa contraposição a um modelo universal de humanidade. Sobre este aspecto, o escritor brasileiro da etnia indígena Ailton Krenak, no livro, *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, chama nossa atenção para a questão de que “Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida”(Krenak, 2020, p. 26). Esse escrito cria simbiose de fatos e valores que implica “pessoas coletivas”, células que conseguem transmitir através do tempo suas visões sobre o mundo”. (Krenak, 2020, p.28). Esses são aspectos que demonstram a cosmovisão indígena como um sistema de interpretação que deve ser considerada no contexto dos seus valores culturais e conhecimentos e saberes ancestrais.

Visando ao entendimento deste estudo, o artigo foi organizado através de elementos conforme vamos apresentar na sequência. Na introdução, um breve relato sobre a estrutura da pesquisa, seguido do desenvolvimento á partir dos seguintes tópicos: a) A tríade do conceito de vida, mundo e mundo da vida; b) A tríade vida, mundo e mundo da vida coletiva; c) mundo da vida de onde surge a significância; d) Mundo da vida em Jürgen Habermas; e) visões de mundo da vida; f) Sentido ético da vida e da ação coletiva e g) Vozes potiguaras e os significados da vida coletiva. Estes tópicos são relevantes para compreensão do construto habermasiano do mundo da vida com instâncias de significações, em que o significado de qualquer valor ético é sempre criação da linguagem.

Finalizamos com as considerações finais acerca dos resultados da pesquisa que indicam as visões de mundo dos Potiguaras, que foram relevantes para compreensão de como os indígenas transformam o silêncio em linguagem (prática social concreta) e dão voz a suas visões de mundo implícita através de fatos e valores éticos, cujos significados são dados por essa prática deflagra na politização do sentido da vida coletiva, refutando a racionalidade instrumental, que coloniza o mundo da vida.

### **1.1.JUSTIFICATIVA**

Um dos pilares centrais deste estágio foi o apoio prestado no âmbito da Universidade Católica do Salvador-UCSAL, para realização da pesquisa, centramo-nos

na busca de uma compreensão metodicamente guiada para estruturas de significados presentes na cosmovisão (visão de mundo), de indígenas potiguaras. Assim, a relevância social e acadêmica deste estudo está em desvelar uma ética do sentido da vida e da ação coletiva dos povos indígenas, constituída a partir de processos históricos e socioculturais, importantes para a apreensão da constituição dos sentidos e significados da vida e da ação coletiva implicada na forma de viver dos povos indígenas Potiguaras.

Outro aspecto importante está em trazer inúmeras referências teóricas relevantes em termos de ética de sentido da vida para os povos étnicos, são os significados associados à experiência do mundo da vida que podem ajudar na reflexão sobre diversas formas de conhecer e interpretar o mundo, a natureza, a cultura e a linguagem sob uma ótica descolonizada. No plano prático, o estudo da Ética se dá em termos de contribuir no conhecimento do significado de natureza ética dos povos indígenas sobre a proteção aos direitos humanos de autoidentificação e autodeterminação, em que certos valores são sugeridos, questionados e impulsionados por considerações éticas, quando as normas e leis são justificadas ou criticadas por argumentos discursivos

## **1.2.PROBLEMA DA PESQUISA**

A questão do sentido da vida perpassa o plano existencial, sendo uma questão filosófica por excelência. No passado, os filósofos Aristóteles, Platão, Kant, Heidegger, dentre outros buscaram explicar o sentido da vida do ponto de vista da existência humana. Em sua obra *Significado na Vida: uma teoria ética*, Rütther (2023) desenvolve uma teoria ética do sentido, na qual procura mostrar que o sentido é uma dimensão independente na vida que não é idêntica, mas que pode ser rastreada, e que o significado pode ser determinado objetivamente.

Essa questão tem uma longa história na filosofia, mas nos últimos anos, ganha um foco renovado, que pode ser observado na obra do escritor e filósofo Desidério Murcho, intitulada *Viver para Quê? Ensaios sobre o Sentido da Vida* (2009), que defende a ideia de que a vida humana pode ter sentido se a ética for objetiva.

No âmbito da filosofia, temos um movimento filosófico que enfatiza a liberdade e a escolha individual, e a busca de significado e propósito na vida, visão que difere do Niilismo, uma filosofia que enfatiza a falta de sentido da vida. O Niilismo é uma filosofia baseada na imaterialidade da vida, e na ideia de não haver nada ou nenhuma certeza que possa servir como base o conhecimento. Essa

acepção é cética mediante a realidade ou os valores humanos. O problema é que, no plano individual, muitas pessoas não encontraram um significado para a sua existência. As consequências disso podem ser sentimento de vazio, insatisfação e infelicidade.

Assim, o propósito deste estudo, em contraposição a esse ceticismo é problematizar sobre a necessidade de constituir uma ética do sentido da vida humana na afirmação do direito a ter direitos, pois, a igualdade em dignidade e em direito dos seres humanos não é um dado construído da convivência coletiva, que requer o acesso a um espaço público comum.

Acreditamos que todo processo prescreve um sentido, o problema é justamente prescrever o nível de significado mediante a colonização do „mundo da vida' pelo 'sistema". Sobre esse aspecto, Habermas (1987) faz uma clara diferenciação entre sistema e mundo da vida, estes são espaços de intermediação do agir-racional-com-respeito-a-fins (instrumental e estratégico), este, enquanto horizonte do agir comunicativo, que ao nosso ver orienta o campo de lutas e resistências dos povos indígenas, que ocorre na *estrutura dos assuntos humanos*, capaz de revelar significados que emergem da vida vivida e experimentada coletivamente pelos povos Potiguaras, sujeitos do processo cognitivo e, epistemologicamente, criadores de seu mundo, um mundo constituído em e por seu conhecimento dentro da produção humana.

### 1.3. HIPÓTESE

A hipótese geral do estudo foi de que os valores éticos, e os princípios fundamentais que perpassam a vida dos povos étnicos Potiguara vão de encontro a colonização do mundo da vida. O sentido da vida é concreto e refletem acerca de seus efeitos na constituição do sujeito.

### 1.4. OBJETIVOS

#### 1.4.1. Objetivo geral:

O objetivo geral da realização do estágio, no que tange à pesquisa foi explicitar os fundamentos da ética do sentido da vida e da ação coletiva com base nas visões de mundo de indígenas Potiguara, evidenciando-se, portanto, uma relação entre ética e direitos coletivos em conformidade com a descolonização do mundo da vida.

#### 1.4.2. Objetivos específicos:

Para atingir esse objetivo geral, propomos, como objetivos específicos:

- a). Desenvolver uma revisão bibliográfica no catálogo de teses e dissertações da Capes das bases epistemológicas das produções nacionais sobre o tema em estudo;
- b) Selecionar o material de coleta de dados com base na narrativa e memória de indígenas como componentes do conceito de visões de mundo;
- c) Compreender, com base nos depoimentos e entrevistas as estruturas de significados do sentido da ética da vida e da ação coletiva de indígenas Potiguaras;
- d) Demonstrar os resultados da pesquisa, visando explicar, os significados do sentido ético da vida e da ação coletiva.

### 1.5. METODOLOGIA

Neste estudo de base interdisciplinar, utilizamos a metodologia de pesquisa qualitativa, na conjugação com a pesquisa interpretativa de abordagem hermenêutica metodologicamente guiada para compreender estruturas de significados da vida e da ação coletiva com base nas narrativas e memória, componentes de visões de mundo de indígenas da etnia Potiguaras. Os métodos de estudo desenvolvidos foram a escuta compreensiva e a leitura compreensiva de depoimentos e entrevistas, estruturados a partir do material coletado para esta pesquisa, a fim de fornecer informações mais detalhadas com o propósito de compreender estruturas superordenadas e significados sobre o sentido da vida e da ação coletiva dos povos indígenas Potiguaras.

Deste modo, adotamos a hermenêutica como forma de compreender o contexto de significado nas formas de expressão dos depoimentos presentes nesses vídeos, isso não exclui as transcrições que transformam os depoimentos em textos escritos. Na dinâmica da escuta compreensiva, pudemos perceber a importância da compreensão baseada na comunicação oral e diálogos. Como pesquisadora, foi possível moldar e aprimorar meus sentidos para ver e escutar com empatia a voz dos indígenas que passaram a narrativa de uma série de fatos e acontecimentos encadeados nas aldeias indígenas.

A escuta compreensiva é um procedimento que nos levou a um movimento circular de ouvir, escutar, mas depois retomar a transcrição das falas no sentido de combinar o ouvir e o ler e perceber o lugar de quem fala em seu contexto. Deste modo, a escuta compreensiva é um procedimento de compreensão de significados explorados

na hermenêutica, que não se limita à compreensão de textos escritos, mas também à comunicação entre as pessoas.

Assim, tomar os dados, contido no portal, foi uma atitude fértil no que tange à relevância no sentido histórico, memória e fluência na voz dos Potiguaras, no sentido de praticar uma linguagem, fundamental ao ato de produzir pensamentos com vistas aos saberes mediadores da relação entre povos indígenas e mundo da vida coletiva. Dessa forma, falarmos em cosmovisão e ou visão de mundo, no qual, a cultura é colocada como teias de significado na vida.

Este estudo nos auxiliou a compreender, de forma mais profunda, teias de significados das falas, através da análise sistemática dos dados coletados e a identificar unidades de significados, tarefa que exigiu realizar algumas etapas recorrentes que fundamentaram o processo de compreensão das *formas comunicativas de expressão*, sendo elas: a) *Escuta compreensiva para capturar a narrativa* e esclarecer conexões iniciais com a questões de estudo, b) *Compreensão* sensível e mais profunda das narrativas. c) *Análise e compreensão dos significados dado nas formas comunicativas de expressão no conjunto de depoimentos*, d) *Descrever e explicar* unidades de significados como estruturas perceptivas, formas de ver, pensar, comunicar incorporadas a forma de viver. Assim, na análise dos dados está implicada as visões de mundo, por afirmar o valor às tradições narrativas, cujas expressões trazem “estruturas cognitivas do mundo”, e visões de mundo que, ao nosso ver, não há a criação de significados puramente simbólicos, mas também significados que se pautam em sistemas de valores, visando elucidar estruturas superordenadas de significados.

## **1.6.PROCESSO DE ANALISE DOS RESULTADOS**

Os métodos de análise dos dados da pesquisa qualitativa interpretativa envolveu a escuta compreensiva e a leitura atenta das transcrições dos depoimentos e entrevistas na identificação de elementos significativos, com base nas narrativas e memórias coletadas. Para a análise das narrativas foi utilizado o método hermenêutico-dialético (MINAYO, 2008), com base numa espiral hermenêutica permitindo uma compreensão de visões de mundo no contexto do viver e ser Potiguara. A transcrição dos depoimentos foram realizada de forma literal, a fim de não perdermos as entrelinhas a análise de “núcleos de significação”, dialogando sobre os significados extraídos a partir das questões em estudo. A partir dos dados selecionados das fontes teóricas, e dos dados oriundos dos grupos focais, desenvolveremos a confrontação dos dados na categorização a partir da abordagem

metodológica, visando estruturar os resultados da pesquisa.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1. A TRÍADE VIDA, MUNDO E MUNDO DA VIDA COLETIVA

O termo vida é compreendido não apenas como um fenômeno biológico-especialmente de um coletivo de seres vivos superiores (cf. antrópico) ou a vida de um único indivíduo e sim um coletivo ou de um grupo de pessoas que coletivamente constrói experiências juntos que são significativas e com possibilidades de nexos de visões comuns, que torna possível se imaginar uma unidade, a exemplo dos povos originários, na forma de atuação sobre o mundo sobre a vida, de um viver em escala planetária, mantendo a percepção do equilíbrio entre o cósmico, o povo e a terra. Trata-se na voz de Ailton Krenak de tentar ver a vida sob uma perspectiva de vivência fluida, cujos movimentos cósmicos movem o universo. Na voz de Ailton Krenak (2020), "Nós temos de ter coragem de ser radicalmente vivos. E não negociar uma sobrevivência". Nesse sentido, para Krenak (2020) a vida que nos atravessa não é negociável como descreve na sua fala.

Essa consciência de estar vivo deveria nos atravessar de uma maneira em que a vida não fosse alguma coisa fora de nós, em que a pessoa sentisse de verdade: a vida está em mim, não fora! Experimentar a vida em nós, a vida nos atravessando. Para além da ideia de "Eu sou a natureza", é sentir que essa experiência nos atravessa de uma maneira tão maravilhosa que o rio, a floresta, o vento, as nuvens, tudo que podemos perceber como externalidade, tudo isso está em nós — é o nosso espelho na vida.  
(Krenak, 2020).

Neste sentido, somos o *habitat* de outros seres vivos, a natureza, deveria ser uma fricção do nosso corpo com a vida, afirma Krenack. Pensar a fruição é interligar-se na realidade da vida, em particular na percepção de relacionar e interligar a natureza e o cosmo a própria vida. Assim, a vida surge como fruição, de nós cuja forma consciente aguça a percepção pensar e sentir a vida, uma das motivações básicas da condição humana.

Hannah Arendt (2010) nos mostra como a condição humana é uma construção da própria vida humana que surge como história, e as pessoas nelas reveladas como protagonistas especificamente humanos. Para esta autora, a história não tem tecido, porque não é feita, os seres humanos estão fatalmente enredados na história e nas histórias, capazes de estabelecer uma relação de sentido e de pertença com o mundo. Para Arendt (2010), a busca de sentido é específica do pensamento. O pensamento é

algo como uma resposta às nossas experiências no mundo.

Reflexão e busca de sentido, porém, não podem cumprir as exigências do conhecimento, seja este da esfera do senso comum, seja do âmbito das ciências. Se, no entanto, não quisermos banir uma dimensão fundamental de nossa existência, precisamos atentar para o pensar em sua especificidade (Arendt, 2010, p. 859).

Assim, a autora chama nossa atenção para outras formas de compreender o mundo, e suscita uma compreensão sobre uma rede de elementos significantes que implica dimensão fundamental da existência, a exemplo dos povos indígenas com seu uso falante traz uma imagem de pensar e sentir o mundo como a soma não só da cognição racional, mas também da experiência e do sentimento, que vem à tona a identificação que redimensionam os indígenas como povos originalmente criaram um elo de habitar a “terra” Brasil, hoje coletivos implicados em relação à sua capacidade de existir como povos originários neste tempo e espaço vivido de relação com a natureza, cuja linguagem, acerca dessas relações adquire um caráter de prática social concretando os significados dado por essa prática.

Nessa perspectiva, as visões de mundo indígenas são validadas e sustentam uma ética que se pauta em sua realidade de implicações coletivas com e como mundo, dado por significações, que é sempre uma construção, fruto da linguagem, por isso, a importância de introduzimos, no tópico seguinte, a concepção de mundo da vida entendida como instância de significação e delimitar suas diferentes perspectivas teóricas, não de visão de mundo entendida como a totalidade de ideias e de percepções individuais, mas de orientação cultural compartilhados por um grupo, uma coletividade e até mesmo por várias etnias indígenas como é o caso dos povos originários no Brasil.

Deste modo, o sentido é um elemento existencial no mundo da vida coletiva e o motor para a ação intrínseca na luta é a significação de fazer algo importante para o coletivo que juntos experimentam significância, pertencimento e também se deparam com a tríade existencialmente, concebida na afirmação do valor da vida, na construção do ethos indígena e no engajamento na vida coletiva, Sobre esse aspecto, o escritor indígena Daniel Munduruku(2010) adentra no universo da literatura numa abordagem crítica que torna evidente as condições gestadas por uma cultura objetivante e reducionista de ver as formas de viver dos povos indígenas:

(...) povos indígenas inteiros têm sofrido as consequências de viver em contato permanente com uma sociedade que lhes prendem em conceitos que os tornam menores e marginalizados. A isso se inclui a negação da identidade cultural. Se, por um lado, manter-se indígena é condição fundamental para o reconhecimento étnico – pois assim a sociedade complexa pode manipulá-lo – aprender e

conviver com a sociedade em igual condição é considerado um abandono de identidade. Em outras palavras: se vou para a universidade e compreendo a lógica do ocidente, acabo desqualificado como membro de uma sociedade indígena. Ser indígena, na lógica ocidental, é manter-se no atraso cultural. Ao pertencer ao mundo globalizado, perco minha afirmação étnica. (Munduruku, 2010. p. 67).

Esta visão conflui para teorias ocidentais e do conhecimento gerado no Ocidente, como conhecimento valioso, negando que os povos indígenas em cada região, país e território possam formar seus próprios valores, a sua própria forma de compreender a sua própria forma de transmitir o seu conhecimento, superando o colonialismo ocidental histórico e a hegemonia ocidental no campo da ciência.

A nossa proposta, neste estudo, é aproximar do horizonte da epistemologia indígena e de seus diferentes esforços compreensivos de voltar-se para o mundo da vida, instância que provoca significados sobre a existência em permanente coprodução da vida coletiva, aspecto que iremos abordar no tópico seguinte, mostrando que a vida dos Potiguaras se torna compreensível através de suas visões materializadas no mundo da vida.

## 2.2. MUNDO DA VIDA DE ONDE SURGE A SIGNIFICÂNCIA

A compreensão do conceito mundo se apresenta como um desafio, considerando ser um termo que engloba tudo o que existe, tudo que possa parecer evidente e acesse o mundo "real". Assim, as palavras sobre o mundo inspiram os contornos de introduzir uma concepção de Mundo da Vida enquanto instância de significação e delimitar, a apropriação de Jürgen Habermas<sup>1</sup> que rompe com o paradigma do sujeito (da consciência) e privilegia o agir intersubjetivo. Deste modo, não há nada de original sobre a ideia de que a consciência do mundo representa um problema difícil, já que a experiência mais originária que temos do mundo é a sua evidência, que oferece uma expressão significativa ao ser vivificada no modo de ser, pensar-sentir e de viver dos povos indígenas.

O filósofo e professor Ernildo J. Stein (1997)<sup>2</sup> em seu ensaio "Mundo da vida: problema epistemológico ou questão histórica", versa sobre as limitações filosóficas do conceito de mundo da vida ao considerar sua dualidade de ser um conceito histórico e, ao mesmo tempo, um conceito epistemológico. Para o autor, isso termina revelando a

<sup>1</sup> Habermas retira o conceito de "mundo da vida" da filosofia da consciência.  
Fonte: A tese da colonização do mundo da vida – GRIN

<sup>2</sup> Professor Titular na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde coordena o grupo de pesquisa Linguagem e Hermenêutica.  
Fonte: Ernildo Stein | esboços filosóficos.com

dificuldade na pretensão de unidade em definir o conceito de mundo da vida. No que tange aos povos indígenas, devido às diferenças étnicas dos povos originários, suas visões sobre o mundo da vida são, também, muito diversas. Já que cada grupo étnico é responsável por moldar tradições, costumes, hábitos, culturas e línguas, atividades de significados humanos.

O mundo da vida é assim, constituído a partir do universo da significação, mas já sempre dado para toda a atividade significativa do ser humano. É, de certo modo, a fonte da significatividade possível, já sempre dada e que, contudo, se atualiza sempre de novo na significação que constitui. Este novo: ou nunca estávamos efetivamente conectados com o mundo ou então corremos o risco de perdê-lo. Não há por que fazer a ponte com o mundo, quando o mundo nos apanha vinculando a linguagem com relações táticas (Stein, 1997, p. 20).

Sobre a significância do mundo vinculada à linguagem, o filósofo e escritor brasileiro Ernildo Stein (2012), quando lançou seu primeiro livro “As Ilusões da Transparência: dificuldades com o conceito de Mundo da Vida”, define peculiaridades desse construto na estruturação em torno da unidade de sentidos, para o autor o Mundo da Vida é o lugar onde se instala a significância”.

A ideia de mundo da vida radica enquanto deste mundo emerge a significatividade ou significância, é, de certo modo, a condição de possibilidade de todas as significações, de todos os significados. É uma qualidade já deste mundo, é um modo de ser se dá neste mundo, o fato de se poder compreender, o fato de se poder comunicar, fazer sinais, trabalhar com significações, de manejar significantes, de atribuir novos significados, de simbolizar (Stein, 2012, p. 69).

Ao discutir as particularidades epistemológicas do Mundo da Vida (Lebenswelt), o ponto considerado pelo autor diz respeito ao modo de conceber o mundo da Vida. A ideia de mundo da vida instância de onde emerge a significatividade ou significância da vida. Isso significa para o autor que o mundo vivido é constituído a partir do universo da significação, que requer da filosofia, conciliar a racionalidade com a factualidade do mundo vivido, concreto-histórico, no modo de um mundo da vida que não é construído apenas abstratamente na afirmação de sentido, tem base na realidade concreta dos povos indígenas. Essa é também uma das tematizações de Habermas acerca do “mundo da vida”, conceito visto como constitutivo de significância, á partir do estabelecimento de formas comunicativas.

### 2.3. MUNDO DA VIDA EM JURGEN HABERMAS

A produção intelectual de Jürgen Habermas é relevante como pensamento que perpassa a teoria social, epistemologia, ética, teoria política e jurídica, *fio condutor se*

*liga e lhes dá sua unidade de contribuição não apenas na filosofia, mas também na sociologia e demais áreas.* Com sua teoria da ação comunicativa, Jürgen Habermas filósofo alemão contemporâneo procura compreender a sociedade moderna em toda a sua complexidade, em que questões de linguagem, de significado e de racionalidade foram abordadas no contexto de uma teoria da sociedade, sendo o significado um termo fundamental para a compreensão das questões do significado da vida proposto neste estudo.

A obra “Teoria da Ação Comunicativa”, tomamos como referência para criar pontes de com elementos de expressão comunicativa de visões de mundo acerca do mundo da vida a constituição da realidade social.

Partimos do pressuposto de que o significado das visões de mundo sobre o mundo da vida, não precisa mais ser “compreendido” e “interpretado”, em muitos casos, emerge expresso na própria comunicação. Deste ponto de vista, o “mundo da vida”, segundo Habermas (1987), representa “um conceito complementar à ação comunicativa” (p. 182), que basicamente já descreve a ligação estreita entre os dois conceitos ou concepções, *mundo da vida* e *ação comunicativa*, voltada para a compreensão, livre de restrições. No entanto, ou justamente por isso, interessa o conteúdo de tal conceito de *mundo da vida*, que será o foco do que segue. Habermas (1987) afirma que o mundo vivido pessoal é limitado pelo horizonte de todas as experiências e ações advindas do indivíduo, enquanto os limites simbólicos de uma sociedade estariam constituídos pelo horizonte das ações e interações, mutuamente reconhecidas (Habermas, 1976 *apud* Freitag, 2005), apoiadas num substrato de linguagem em termos de atuação sobre o “mundo da vida”.

Habermas distingue entre um uso no sentido da teoria da comunicação e outro como um “*conceito cotidiano do mundo da vida*”. O primeiro caso corresponde à perspectiva dos participantes que percebem o mundo da vida como seu horizonte de experiência. O segundo caso interpreta os participantes como atores comunicativos capazes de localizar a si mesmos e suas explicações. (Loth, 2007, pág. 206.).

O mundo da vida e o seu caráter de horizonticidade, ou seja, o mundo da vida dos povos indígenas implicado a descoberta de novos horizontes comunicativos de uma “ética do sentido democrático” no reconhecimento de que os povos indígenas “têm competência comunicativa e comunicam-se com a ajuda dos signos da linguagem como componentes significativos do mundo” (Habermas, 1987, p. 114).

Outro aspecto importante é a compreensão do mundo da vida como um recurso cultural como esclarece a socióloga Franziska Loth. (2007)<sup>3</sup> “com a introdução do mundo

<sup>3</sup> Franziska Loth, escreveu em 2007 o artigo em que defende A Tese da Colonização do Mundo da Vida.

da vida, entendido como um recurso cultural que estrutura a situação da ação, a transição de uma teoria social da ação para uma teoria da sociedade é realizada”. (p. 206).

Conseqüentemente, isso requer compreender a referência sobre o mundo da vida intersubjetivamente partilhado no entendimento de Habermas(2012) de que “O mundo só conquista objetividade ao tornar-se válido enquanto mundo único para uma comunidade de sujeitos capazes de agir e utilizar a linguagem”(p. 27) Esclarece ainda que:

O conceito abstrato de mundo é condição necessária para que os sujeitos que agem comunicativamente possam chegar a um entendimento mútuo sobre o que acontece no mundo ou sobre o que se deve fazer nele. Com essa *prática comunicativa*, eles ao mesmo tempo se assegurem do contexto vital que têm em comum, isto é, de seu *mundo da vida* intersubjetivamente partilhado” (ibid 2012, p. 27).

Assim, a noção de intersubjetividade é uma conceituação da situação relacional que passa pela perspectiva intersubjetivo-relacional, que permite a partilha de sentidos, experiências e conhecimentos “entre povos”, que produzem também significados sobre o mundo da vida. Deste modo, é no mundo da vida que a criação de sentido ganha terreno na diferenciação descrita por Jürgen Habermas, que nos adverte sobre as pretensões de libertação do princípio da racionalidade da ação comunicativa.

(..) ação comunicativa se desprende cada vez mais dos padrões normativos concretos e tradicionais de comportamento à medida que a generalização de motivos e valores progride. Com a generalização do motivo e do valor, cria-se espaço para subsistemas de ação racional de propósito (por exemplo, em economia e direito público). A generalização de valores é, portanto, a libertação do princípio da racionalidade da ação comunicativa. Isso racionaliza o ambiente de vida. (Rocks, 2001, p.10).

No trecho acima, o escritor alemão M. Rocks no seu livro *Habermas: Diferenciação do mundo da vida*, publicado em 2001, menciona que a generalização de valores liberta a sociedade do princípio da racionalidade da ação comunicativa, considerando segundo o autor o fato da comunicação não se dá mais por meio da linguagem, e sim sobre um meio de comunicação correspondente, a ganhos financeiros, situação que evidencia formas de como o sistema passa a invadir o mundo da vida com ideologias colonizadoras por meios simbólicos e abstratos, que busca desintegrar fontes de sentido, que fuja da lógica do capital.

A desintegração das fontes de sentido e de solidariedade que mantêm unido o mundo da vida leva ao egoísmo e à anomia, à alienação e à falta de sentido, à apatia e à impotência. A mediação transforma-se em alienação; a racionalização em reificação. Hoje, o sistema está fora de controle. A civilização está fora do rumo; a modernidade está descarrilada e, embora todos estejamos conscientes

de que algo está seriamente errado e de que algo tem de ser feito. (Vandenberghe, 2011, p. 603).

Portanto, o desafio contemporâneo de se pensar a questão da racionalidade instrumental que é embutida na linguagem como o seu telos, situação ideal de fala, em que o capitalismo sugere uma forma ideal de vida expressa em formas de colonizar o mundo da vida. Por este motivo, a pergunta pelo sentido da vida coletiva é também perguntar pelo seu significado e valor, questão que converge para pensar o papel da filosofia na contemporaneidade, de refletir a colonização do mundo da vida e os entraves causados pela emancipação e autodeterminação dos povos.

Assim, na sua nova obra *Uma outra História da Filosofia I. A Constelação Ocidental da Fé e do Saber*, Jürgen Habermas traz uma reflexão sobre a tarefa de uma filosofia que defende a liberdade racional dos sujeitos interligados em comunidade, questionando qual ainda pode ser uma compreensão apropriada da tarefa da filosofia na contemporaneidade. “Me comove a questão do que restaria da filosofia se ela não continuasse a tentar contribuir para o esclarecimento racional da nossa compreensão de nós mesmos e do mundo”. (Habermas, 2013, p. 9).

Frédéric Vandenberghe (2011) no artigo em alemão, aborda “Os livros que Habermas não escreveu”, uma dedução simples sobre o percurso do pensamento habermasiano.

Olhando retrospectivamente para meio século de sólida teorização e “filosofização”, o leitor se impressiona com a coerência de seu projeto intelectual, a complexidade de sua elaboração e a clareza das suas intuições básicas. Em última análise, todo o seu sistema de pensamento pode talvez ser entendido como uma dedução complexa da simples convicção de que a linguagem é a ponte que liga as pessoas e que a comunicação é uma força compensatória contra o poder arbitrário.” (Vandenberghe, 2011, p. 601).

Essa afirmativa sobre o sistema de pensamento habermasiano requer tempo suficiente para a sua análise mais aprofundada. Contudo, uma apreciação crítica conduz a compreender, no caso dos povos indígenas, as várias implicações da linguagem ao permitir que possam expressar ideias, sentimentos e pensamentos por meio de símbolos, sons, gestos, palavras e através da escrita. Assim, para além das ações instrumentais, existe uma razão, uma racionalidade comunicativa que possibilitam construir vivências mais humanizadas com base na ação que difere de uma razão instrumental que interliga a comunicação ao poder, considerando que a mesma é um instrumento poderoso e pode servir a interesses difusos e arbitrários.

## 2.4. VISÕES DE MUNDO DA VIDA

A cosmovisão indígena transcende tempo, por ir além da noção convencional de tempo, na capacidade dos povos de transcender as limitações impostas pela linearidade temporal e experimentar uma realidade que vai além do presente imediato. Nesse sentido, transcender envolve a compreensão de que o tempo não é apenas uma medida linear, mas sim uma dimensão complexa e multifacetada implicado em povos de tradições indígenas que acreditam que a realidade vai além do tempo linear e que é possível acessar dimensões mais elevadas de consciência que transcendem as limitações temporais.

O conceito de tempo apresenta desafios significativos, já que segue enraizado na experiência, na vivência e na compreensão do mundo da vida. Assim, o construto mundo da vida, nos conclama a voltar-se às coisas mesmas como tessitura reconstrutiva em que a realidade se constrói de modo, autoreferente, o que significa que é real, é aquilo que eu experiencio a partir de vivências subjetivas, num modo de compreensão intersubjetivo da realidade. Desse modo, o pensamento designa o "conjunto da atividade mental; representação intuitiva, sensível ou conceitual; ideia" (Giacioia Júnior,<sup>4</sup> 2009, p. 139). Ora, as atividades mentais compreendem, entre outras, as de: perceber, compreender e praticar uma linguagem. Para tanto, esse conjunto de ações mentais resulta em ideias ou formas de ver o existente, conceitual e compreensivamente, o que ganha a forma de mentalidade coletiva. E por isto, falarmos em cosmovisão ou visão de mundo. Pensar, pois, é fundamental ao ato de produzir informações e conhecimentos com vistas para a sabedoria mediadora da relação entre povos indígenas e mundo da vida coletiva. Decisivo ao ato de produzir sentido ético para vida coletiva.

É por isso que parece válido entender as atividades cognitivas de pensamento como imprescindíveis a compreender alguns significados a exemplo do termo 'visão', ao implicar que possamos "mundo, nos remete ao modo de ver, conhecer e interpretar ver, sentir e conhecer o mundo, e a visão de mo mundo. Assim, o significado de mundo indígena deve ser entendido a partir de suas realidades, já que o termo em seu sentido mais geral, refere se ao conjunto da realidade ou a tudo o que existe. Para entender esse conjunto de fundamentos, de forma contextual, requer esclarecer que a palavra "cosmovisão" é de "significado tipicamente alemã", como explica Christine Mertesdorf. (2008, p. 719)<sup>5</sup> o termo cosmovisão não tem equivalente nos documentos europeus e

---

<sup>4</sup> Filósofo e escritor brasileiro, atualmente professor titular do Programa de Pós Graduação em Filosofia da PUC-PR. É especialista na filosofia de Friedrich Nietzsche.

Fonte: wikipedia.org

<sup>5</sup> Originalmente apresentada como tese do doutorado sob o título: Comunidades ideológicas e seus membros no direito constitucional da República Federal da Alemanha (p. 719-794)

em inglês é traduzido como “crença”, em francês como “convicção”, em italiano como “convizione” e “oredo”. (Mertesdorf, 2008, p 721). Assim, no Brasil o termo “cosmovisão” é utilizado, privilegiando visões europeias que não são indígenas e para as quais “ver” é apenas uma pequena faceta da compreensão.

Para a pesquisadora Lara Tatiana Bonin (2015), as experiências e os saberes indígenas envolvem “os seres, naturais e sobrenaturais, integrando a vida como um todo”. Essa cosmovisão ou cosmologias, para ela, não se confundem e nem podem ser contidas dentro da lógica materialista e mercadológica, com a qual estamos habituados”. (Bonin, 2015), considerando que os indígenas, em sua pluralidade, desenvolvem suas próprias crenças culturais e têm visões de mundo historicamente observáveis e atualmente fundamentais.

Assim, um dos aspectos importantes a considerar é compreender a cosmovisão dos Povos Originários é a compreensão da pluralidade de “cosmologias, cosmovisões e visões de mundo indígenas” que contrastam com a “visão de mundo dominante do sistema capitalista”, sendo o termo cosmovisão um conceito de difícil definição e as tentativas de fazê-lo não alcançam por completo seus significados, mas condiz a ideia de um construto intelectual, não uniforme, cuja explicação do universo, implica pensar os conflitos humanos, diante da imprevisibilidade da vida e do mundo.

Portanto, à primeira vista, em um posicionamento frente à vida, não há Cosmovisão, já que a complexidade em seus fundamentos e princípios provoca-nos a não simplificar a “cosmovisão” indígena e ignorar a sua importância ao considerar que estamos conectados através de relacionamentos com uma variedade de seres, sendo, importante manter e fortalecer estas relações na terra. Assim, a visão de mundo indígena traduz a compreensão do outro como diverso, reconhecendo a diversidade da vida no planeta.

A cosmovisão indígena é a matriz que dá a estrutura à forma de compreender o mundo de forma concreta, com base na incrível diversidade da vida no planeta. Isso significa que a cosmovisão indígena traduz uma representação simbólica do aparecimento da ordem cósmica da vida e do modo de ver a estrutura do universo por uma cultura, uma aldeia ou um país. Desse modo, partimos da ideia que a cosmovisão indígena traduz sistemas de valores, enquanto orientação ética que difere de cosmovisões, políticas, ideológicas, religiosas e científicas.

Assim, conceituar adequadamente a cosmovisão indígena, permiti-nos compreender, mais claramente, os fundamentos de uma construção e de uma estrutura

de ideias e crenças que informam a compreensão da pluralidade dos mundos em que habitam. Esta estrutura baseia-se em um conjunto de questões existenciais, que adentram em formas de viver e existir num mundo de mundos, dentro de diferentes visões de vida que permeiam as variadas culturas existentes no Brasil, na América Latina, no mundo.

Nos escritos de Roberto Thomas Arruda (2023), a cosmovisão é um termo que passa a significar um conjunto de fundamentos dos quais emerge uma compreensão sistêmica do Universo, seus componentes como a vida, o mundo em que vivemos, a natureza, o fenômeno humano e suas relações. O autor esclarece que este conceito se desenha num campo da filosofia analítica, alimentado pelas ciências, que traduz se num conhecimento agregado e epistemologicamente sustentável, tudo o que somos e contemos, que nos cerca e que nos relaciona de alguma forma. (Arruda, 2023, p. 11).

Assim, as experiências e os saberes indígenas, na sua dinâmica sócio cultural, fornecem-nos continuamente uma visão mais profunda da natureza do homem e da sociedade. Neste sentido, uma visão do mundo está implicada na "Vida", ou seja, na etno narrativa da Vida, que se baseia nas lembranças espontâneas de fatos e acontecimentos mais significativos, tal como são vivenciados, deste modo, nosso esforço rastrear indícios de uma ética do sentido para decifrá-la e compreendê-la mediante experiência de vida, isso significa dizer compreender o mundo levando em consideração a realidade da vida nele. Afinal, a emergência de reflexões envolvendo dimensões de caráter epistêmico, que culminam no conhecimento e saberes indígenas, em que a filosofia também é chamada a dar sua contribuição, preenchendo inclusive uma lacuna no que diz respeito aos estudos da cosmovisão indígenas mais frequentes em outros campos de conhecimento, a exemplo da antropologia e das ciências sociais e ciências da religião, cujo interesse é crescente.

## 2.5. SENTIDO ÉTICO DA VIDA E DA AÇÃO COLETIVA

Este tópico aborda visões de mundo da vida, nas quais, buscamos a compreensão desses significados na constituição de uma ética do sentido da vida coletiva. A Hermenêutica, neste estudo, possibilita "tornar compreensível" ou "levar à compreensão", do significado ético acerca da vida, cujo indícios é de exigência significativa ligada à cosmovisão ancestral indígena. Assim, a compreensão e a apreensão, aqui abordadas, foram possíveis mediante a coleta de uma diversidade de dados, cuja apreensão se fez pela mediação da tradição oral e também da escrita .que prescindem de expressão de vozes da ancestralidade ligadas aos princípios da

cosmovisão ancestral indígenas, que nas palavras do Xamã Yanomami Davi Kopenawa(2023) <sup>6</sup>suscita sabedoria guidas por palavras “uma vez desenhada, espero que os que as escutarem poderão pensar” (Kopenawa , 2023, p. 172).

Assim, a cosmovisão ancestral pode transparecer para o Xamã Yanomami em voz “ ou “desenhadas em palavras numa pele de papel”(ibid. p. 174) para que possamos compreender e absorver a fala que não é apenas de ouvir o outro, precisamos desenvolver uma condição construtiva do nosso olhar sobre a realidade dos povos indígenas brasileiro, como expresso na voz de Davi Kopenawa(2021), que chama atenção para processos de destruição das florestas *que sustenta a sobrevivência dos povos*.

A natureza é uma luz para segurar a cultura da terra. A terra não vai morrer, mas a floresta vai morrer. Quando o homem da cidade derrubar muito, ele vai acabar com a floresta. Omama que está nos protegendo, Omama que está junto com a natureza, com a floresta que sustenta a nossa sobrevivência hoje, e a das futuras gerações. Nossos filhos vão continuar a sustentar a floresta. ”.(Kopenawa, 2021) <sup>7</sup>.

Hoje, a nossa alardeada civilização caminha para situações de catástrofe, em que a natureza reage em queimadas, enchentes, terremotos, devastação, baseada na extração mineral que afeta multidões marginalizadas (Rushkoff, 2009). Assim, ser porta voz, em defesa da floresta, renova a cultura oral expressa numa cosmovisão que se pauta no agir e num modo de vida, alinhado com toda a complexidade do presente, em que o comunicar passa a ser também expresso em linguagem escrita como apontado por Davi Kopenawa, na entrevista concedida em 2021, apontou ser (...) muito importante [escrever] o meu pensamento, o meu sonho que eu trouxe para acontecer, no papel.”. ao escrever no capítulo do livro *O espírito da floresta* sobre defender a floresta, sua palavras escritas fala sobre gente que conhece, que defende que viveram entre nós e ouviram a nossa voz. “É possível que vocês tenham ouvido falar de nós. No entanto não sabem quem somos realmente”(p. 54). O Xamã refere se ao desconhecimento acerca da existência de grupos étnicos distintos. Esse sentimento se traduz não só na etnia yanomami, mas também de outras etnias expressa na voz de Daniel Munduruku (2021) que mostra existir uma visão distorcida sobre os povos indígenas em suas fronteiras de resistências.

<sup>6</sup> Trecho extraído do livro *O Espírito da Floresta* é um livro escrito pelo antropólogo francês Bruce Albert e pelo xamã yanomami Davi Kopenawa. Foi originalmente publicado em francês, em 2022. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_esp%C3%ADrito\\_da\\_floresta](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_esp%C3%ADrito_da_floresta)

<sup>7</sup> Davi Kopenawa Yanomami sentou-se para conversar com a reportagem no Parque da Cidade de Brasília, em 8 de agosto de 2021. Na capital, ele participava da mobilização que reuniu mais de 6 mil indígenas para protestar contra o marco temporal.

(...) a maioria das pessoas quando falam de povo indígena ou fala do índio genérico elas tendem a pensar no passado o povo indígena é um povo do presente o passado para nós serve como uma espécie de empurrão de impulso para que a gente possa viver melhor o presente(..) através da própria resistência ou através da própria existência.(...) nós somos seres do presente seres contemporâneo nós estamos aqui vivendo nesse mesmo mundo com esses mesmos conflitos e nós estamos aprendendo o tempo inteiro. (Munduruku, 2021)<sup>8</sup>.

Através da própria resistência ou através da própria existência, os povos indígenas estão imersos em vivificar suas raízes e preservar tradições que põem em relevo fatos, lembranças, lugares, personalidades, preceitos, símbolos e valores significativos que podem traduzir cosmovisões algo essencial no pensamento indígena. Assim, compreender as raízes da cosmologia, e cosmovisões indígenas faz parte desse movimento dos Potiguaras de marcar suas vozes que traduzem-se em memórias atualizadas pelas histórias do presente.

## 2.6 VOZES POTIGUARAS E OS SIGNIFICADOS DA VIDA COLETIVA

Nas vozes dos Povos Potiguaras, é possível compreender a epistemologia que emerge da sabedoria indígena, a qual se espalha como saberes pelas veredas do que se convencionou chamar de Aldeias, lócus de vivência, cujos sistemas de compreensão da vida pautam-se na cultura coletiva implicados em tecer um caminho de luta, de rituais, reuniões, encontros e partilha. A luta tem a ver com movimento que enseja a construção de um mundo mais justo e mais humano, de respeito e cuidado à Mãe Terra, e que, em última instância, alimenta a cultura coletiva entre os povos.

É através da cultura coletiva, que os Povos Potiguaras afirmam sua condição de “povos originários” que contém um potencial de significados, relevantes em nosso tempo, especialista em criar ausências de significados e utopias, como bem nos lembra o líder indígena Ailton Krenak, que a sociedade quer nos obrigar a viver “um cosmos vazio de sentido” sem significado de uma vida “que possa ser compartilhada”, (Krenak, 2020, p. 44). Isso se refere ao que Krenak denomina de “esvaziamento sentido do compartilhamento dos espaços”, quer dizer, os próprios sentidos de coabitar o mundo. (Krenak, 2020, p. 46).

Assim, rastrear, ao longo do tempo, formas de vida dos Povos Potiguaras, representa uma perspectiva de ouvir as vozes de uma coletividade que convertem o

<sup>8</sup> Esse trecho foi extraído da entrevista de Daniel Munduruku ao Brasil de Fato, ele falou sobre a pedagogia do Bem Viver, o potencial de transformação que enxerga na juventude indígena. Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2021/10/17/daniel-munduruku-os-povos-indigenas-sao-a-ultima-reserva-moral-dentro-desse-sistema>.

tempo de silenciamento, produzido na/pelo pela história, em tempo de lutas.

Assim, é importante compreendermos como nos faz ver Eliane Potiguara que é preciso demistificar que "Vamos dar vozes aos povos indígenas." Ninguém dá voz para nós. Nós é que temos as nossas vozes sufocadas e que precisamos abrir essa voz. Para escritora Potiguara, abrir a voz é, conquistar espaço na sociedade brasileira contemporânea, ou seja, e apropriar-se da sua língua, da sua ancestralidade da lutas que têm uma origem, nas tradições dos povos que habitavam um mundo, um lugar antes da chegada dos europeus e do início da colonização.

Assim, os Potiguaras convergem, não em uma só voz, mas em muitas vozes ancestrais que se ouve no nosso tempo, cuja raiz é de tradição oral, legítima para compreensão da cosmovisão indígena, por isso, optamos por coleta de tradições orais, através de depoimentos dos próprios indígenas residentes em Aldeias na Vale do Mamanguape Paraíba-PB, extraído do Portal que funciona em parceria com o projeto "Memórias do Povo Potiguara", Com base nesses dados disponíveis no Portal, realizamos a escuta compreensiva dos vinte e dois vídeos, sendo selecionados os vídeos de indígenas da etnia Potiguaras, cujo critério foi essencial para compor essa análise, já que as falas dos depoentes vinculam-se à questão deste estudo.

Deste acoplamento orgânico ativo entre os indígenas Potiguaras e o seu mundo experiencial, ocorre um fenômeno de cognição, que se refere ao modo como adquirimos conhecimento, através de tudo o que está ao nosso redor, e transformamos em pensamento. A conservação da vida, da natureza, do planeta tanto na teoria como na prática, procura, cada vez mais, compreender diferentes sistemas de conhecimento, incluindo as cosmovisões, visões de mundo indígenas.

Nessa primeira unidade de análise, o termo que iremos analisar é a ressurgência, também chamado de afloramento. Embora seja resultado da soma de vários fatores, o aflorar de várias vozes indígenas através de ativistas e lideranças indígenas dentro e fora do país, é um dos principais elementos que provoca o que denominamos de ressurgência. A produtividade indígenas, em ambiente de ressurgência literária, é significativamente distinta das demais, já que traz um aporte para compreensão de uma cosmovisão representativa dos Potiguaras, para compor vozes do nosso tempo, a escritora e ativista Eliane Potiguara,<sup>9</sup> cujo lugar de fala traduz sua sabedoria ancestrais, no sentido de uma história que compartilha visão da vida marcada por rupturas com uma história que não permite utopias. Essa ruptura requer pensar, para escritora Potiguara que "nós vamos conseguir chegar a um patamar de dignidade para todos os povos."

---

(Entrevista Eliane Potiguara, 2024).<sup>10</sup>

Nesse sentido, a visão de mundo se torna um fio vital do pensar-sentir indígena, em que a oralidade é um posicionamento diante da realidade, mas não uma negativa à palavra escrita, presente na literatura, como nos faz ver Eliane, na entrevista *do especial Tempo Circular* “ Quando a gente elaborou essa ideia do pensamento indígena, que volta se para a questão da literatura, para transformar todo esse pensamento em papel, em livros, a gente achou um canal de resistência e luta, onde a gente pudesse divulgar a situação em que vivem os povos indígenas, desde a colonização. Então, é uma iniciativa transformadora e inspiradora”. (Idem, 2024).

Aqui compreendemos que a autora se insere num contexto significativo, num campo de pensamento, que moldou sua vida de forma significativa, já que sua fala versa sobre seu vínculo ancestral de pertencimento aos povos indígenas, de pertencer a etnia Potiguara que vive no litoral norte da Paraíba e se vincular a uma nova forma de pensar, agir em suas variantes étnicas, cujo sentido está na sua forma própria de escrita literária.

Literatura Indígena e nativa vem das entranhas da Terra, é o grito sufocado dos que precisaram emudecer (...) . É a explosão dos séculos e a nova forma de pensar, agir e decidir. Deixem-me dizê-la, por favor! E creem em mim como a luz do sol, como a essência da alma. É a manifestação “apressada” da Identidade indígena, que por sua vez é a manifestação do Cosmo através da ancestralidade (Potiguara, 2004).

Deste modo, para Eliane Potiguara, a literatura ressurgente *manifesta a cosmovisão cuja natureza é ancestral que brota no tempo da vida*, por isso, Eliane Potiguara reconhece a importância dos povos indígenas para compartilhar conhecimentos. Mas esse compartilhamento, ele precisa ser reconhecido intelectualmente como sendo de origem indígena”. Que traduz para a autora potiguara defender a nossa identidade e os nossos conhecimentos tradicionais, a nossa propriedade intelectual. Porque nós temos as preocupações éticas que nos são caras”. Para o professor da etnia Wapixana, Enilton André da Silva (1988), essa dimensão ética nunca será ensinada, mas sim construída através de lutas e do convívio nas comunidades (p. 103).

Nessa perspectiva, o princípio de “ressurgência”, na visão das lideranças potiguaras que vivem na Aldeia, toma corpo na ideia de “de ressurgir”, “de retomar” o processo de luta em defesa do território não apenas como território físico, mas na determinação da retomada da cultura e dos costumes indígenas na afirmação de que os

<sup>10</sup> Considerada a primeira mulher indígena a publicar um livro no Brasil. No ano de 2021, recebeu do Conselho Universitário da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) o título de doutora honoris causa.

povos não estão extintos afirma o Cacique Potiguara no seu depoimento.

Como disse alguns historiadores que os Potiguaras do Rio Grande do Norte tinham sido dizimados. E nós estamos vivos e fortes o Rio Grande do Norte precisa abrir o olho para a questão indígena né os índios estão vivos sim praticando a sua cultura então que caia essa invisibilidade com relação à nossa existência. (...) Então hoje tudo que for tratado a questão indígena de demandas a gente reúne um grande grupo e decide coletivamente as nossas ações. Tudo que for feito para a comunidade para o povo precisa que esse povo apoie essa ação (...) a nossa Cultura intrínseca dentro de nós não deixar de forma nenhuma que o sangue Potiguara desapareça das nossas veias precisamos realmente fortalecer a força do guerreiro Potiguara para que a nossa nação não desapareça. (Luiz Catu, 2015).

Deste modo, o princípio de ressurgências, antes citado, constroem pontes em narrar trajetórias de reinvenção da própria história implicada no seu modo de organização sociocultural e de conformação de suas identidades expressa segundo Araújo (2018), a percepção dos indígenas “quando estes autodefinem enquanto detentores de um saber que possui um significado para a vida social”. (p. 157). O significado da vida social interliga-se ao sentido da vivência em comunidade nas aldeias, cuja realidade é consciência, imaginação e aparição de singularidades da luta dos Potiguaras pela demarcação de suas terras. Deste modo, o processo orgânico de luta dos indígenas, transforma-se numa corrente de experiências vividas que torna explícita o retorno e o renascer de suas frentes de lutas, que ganham expressividade nas narrativas de tradições orais que segundo Vansina (1982) compreendem a maioria mensagens históricas conscientes” (ibid. p.157), em que, nas narrativas presente nos depoimentos, a expressão favorita é de retomada, que ganha o significado de reaver, recuperar, e resgatar o direito ao território de “três terras contíguas”, esclarece o Cacique Caboquinho<sup>11</sup> da Aldeia Forte, de Baía da Traição. “(..) no século 19 eram 54 mil hectares dos povos Potiguara no Litoral Sul da Paraíba, reduzidos a apenas 34 mil hectares atualmente”. (Caboquinho,2023), fruto de um processo de retomada pelo Potiguaras, que permite vivências e experiências que permitem partilhas de sentidos sobre a reorganização da vida sociocultural e faz brotar consciência moral-prática do mundo vivido e a capacidade comunicativa de agir.

Deste modo, o movimento traduz os indígenas como sujeitos cognoscentes e suas frentes de luta com um fato significativo e ocorrência no mundo da vida que não está separada da terra que tem o sentido para além de sustento e de subsistência. A terra é o que materializa o território e cria condições que aumentam a potência e capacidade dos indígenas de agir como transformadores da vida, cujos significados

<sup>11</sup> Para Ailton Krenak(2016) "o nosso ilustre Caboquinho, Cacique que tem brilho próprio e reconhecimento público de sua enorme contribuição e importância", para o Movimento Indígena em todo país.

estão circunscritos na história das lutas indígenas, como explica o Cacique no seu depoimento.

Nós fomos expulsos. Nossa terra foi tomada. Hoje, estamos revendo tudo isso e pedindo ao estado brasileiro reparação", (Ednaldo Tabajara, 2023).

O caráter de disposição em expressar a terra retomada, afirma a luta contra violações de direito e luta mais abrangente por reparação coletiva, que tem relevância ao denunciar o histórico de omissão do Estado brasileiro para responder às violações contra os indígenas, que sofrem ainda hoje consequências das inúmeras violências estruturais. Em entrevista no Portal da Memória Potiguara, o Cacique Ci da Aldeia Três Rios discorre, em seu depoimento, sobre o movimento ao afirmar que “Esse marco vou levar até o fim da minha vida como eu falei antes que eu pensei que era tão fácil até hoje eu tô lutando como se diz e quem me passou isso foi Capitão e Caboclinho. O Cacique acrescenta sobre esse processo que “naquela hora você não pensa em perder sua vida, você pensa em vencer”

No seu depoimento, sua visão de mundo reporta-se a seus sentimentos a respeito da intercessão e do entrelaçamento da cultura de resistência, que representa a importância da tradição de luta dotada de significados a serem repassados para novas gerações nas Aldeias.

Na visão de José Ciríaco Sobrinho (Capitão), uma das lideranças indígenas, “se eu não me preocupar em formar a liderança jovem indígenas para o futuro que trabalho eu tô fazendo como liderança. (...) eu tenho que mostrar que esses jovens são futuros dos povos e eles têm que tomar conta desse território”.

A visão posta por Capitão é de “formar a liderança jovem” da juventude indígena, para que reconheça os esforços, mas também os desafios enfrentados no processo de luta para garantir a preservação de suas terras, territórios, lugares sagrados e a revitalização de suas tradições. Deste modo, a visão de formar é um ciclo para o amadurecimento, ou seja, princípio cuja forma é de “consciência ancestral”, por meio da tradição oral que reconhece a sabedoria dos seus ancestrais. Essa é uma visão de mundo que Daniel Munduruku (2021) faz uma imersão da tríade tempo-espaco-consciência da tradição e os indícios que marcam sua origem.

Tradição não é uma prisão que nos mantém congelados num tempo e espaço. Tradição é, também, um método pedagógico que nos permite lembrar nossas origens. Todos os povos vieram de algum lugar, mas somente aqueles que honram tais origens é que conseguem não se perder em seus sentidos de existência. (Munduruku, 2021b)<sup>12</sup>.

<sup>12</sup><https://www.bemparana.com.br/publicacao/colunas/eraumavez/a-rica-tradicao-oral-dos-povos-indigenas/>

Essa compreensão sobre a tradição expressa uma série de sentimentos e percepções que adquirem múltiplas dimensões significativas concernente à palavra falada e a escrita ganha sentido de fazer aflorar, renascer, retomar numa atitude de lutar e fazer ecoar vozes em que a ancestralidade é o pêndulo no lastro do agir comunicativo, linguístico, literário, cultural, artístico, espiritual dentre outros, que se confrontam com aspectos elementares das cosmovisões indígenas e outras cosmovisões, cujas linguagens são de matriz teológicas cristãs, ideológicas, políticas, governamentais, científicas.

A ancestralidade é realmente como o pêndulo que move a vida orgânica dos povos originários da Terra é a consciência que se põe em movimento devido à fruição da vida. Essa compreensão resulta da escuta compreensiva dos depoimentos em que a categoria ancestralidade surge como núcleo comum, nas vozes femininas, que inclui os elementos essenciais na produção literária implicados em manter viva as marcas ancestrais. Eva Potiguara(2023)<sup>13</sup> destaca “esse lugar de fala que transmuta-se da oralidade para a escrita, mas que, nessa transmutação, não perde a sua essência de resistência e, ao mesmo tempo, a sua natureza ancestral”. (ibid).

A literatura indígenas tem raiz na ancestralidade, cujo valor está na composição de pensamentos cosmovisivos que traduz a relação da escrita literária e ancestralidade. Como afirma Eva Potiguara (2023) “ (...) nossa escrita não é apenas uma literatura, ela é a nossa ancestralidade viva”, e ainda evidencia qual sentimento está intrínseco na sua forma de expressar se pela escrita, que ela caracteriza como “uma escrita eu-outro coletiva. Ela é uma escrita de cosmovisões que se entrelaçam”. *A escritora acrescenta ainda que a literatura da mulher e do homem indígena traz a história do seu povo, as raízes e as cosmovisões desses povos, com suas lutas. Ela não é literatura fictícia, mas tem o pé na ancestralidade*.”( Potiguara, 2023). Essa fala nos faz retomar a ideia da ancestralidade como um pêndulo que se move no fazer literário, sob as luzes da experiência sábia de vários escritores indígenas.

A escrita de Eva Potiguara apresenta um caráter cosmovisivo que traduz essencial para a compreensão do seu lugar de fala, criando uma lucidez de ser protagonista de um processo de escrevivência que está relacionado às memórias de uma espiritualidade e ancestralidade violentadas.

eu sou escritora de memórias, narrativas ancestrais, e, ao mesmo tempo, eu sou uma sobrevivente, eu sou uma mulher filha, neta, bisneta, tataraneta, quinta

<sup>13</sup>Evanir de Oliveira Pinheiro, conhecida como Eva Potiguara, é pesquisadora, escritora, artista audiovisual e coordenadora do Mulherio das Letras Indígenas, doutora em Educação pela UFRN.

neta, de mulheres que foram silenciadas, usurpadas, abusadas, e hoje eu não posso me calar, minha escrita é subversiva, é uma escrita que não tem códigos padrões da literatura formal, ela tem um processo de escrevivência que está relacionado às memórias de uma espiritualidade e ancestralidade bastante violentadas”. (Potiguara. Eva, 2023).

No trecho acima, a fala menciona o termo ancestralidade violentada que pode ser compreendida através de fatores diversos, aqui tomamos o exemplo do processo de extermínio dos povos indígenas, que no Brasil e na América Latina permeia o passado e segue no presente, o que corrobora o aumento da propagação de mortes e doenças de indígenas também no Nordeste com a Covid-2019, que culminou em diversos conflitos e óbitos. Deste modo, no território de matriz ancestral, mapear e visibilizar situações de violências em suas diferentes nuances, no sentido de criar redes de enfrentamento e de prevenção da violência fora e dentro do território indígena Potiguara numa consciência de vigília pela vida.

Uma outra visão de mundo fundante emergente nessa análise é o da coletividade indigenista, na qual os Potiguaras se descreve como um colectivo e dentro de coletivos de indígenas, termo transformado e visto como algo positivo no processo de lutas que se tornaram contínuas nos territórios de vida Potiguara. Os coletivos indígenas têm uma singularidade própria que traz consigo um passado descrito nas representações coletivas de uma tradição que o explica e o justifica.

As coletividades indígenas assumam um sentido ético de povos, com expressão ancestral que ganham formas circulares, em meio aos rituais do Toré, fazendo com que jovens se encontrem a cultura tradicional dos povos Potiguaras que rompe com hierarquias culturais e torna a cultura viva, pulsante de contato com a tradição e as sabedorias ancestrais que se materializam no território. A visão de território que nos aponta Eliane Potiguara (2004) não é apenas um pedaço ou vastidão de terras (...) É um espaço verdadeiramente ético, não é apenas um espaço físico como muitos políticos querem impor. Território é quase sinônimo de ética e dignidade”.é também um território de direito no sentido de manter acesa a luta por reparação de injustiças históricas, resultantes do processo da colonização e da subtração de suas terras, territórios e recursos, que se vinculam a direitos dos povos Potiguaras, cujas garantias de prerrogativas são concedidas a coletivos em contraposição aos direitos individuais, como discorre Ailton Krenak, na palestra.

a gente criou a União das Nações Indígenas e durante uns dez anos essa movimentação ela foi uma ação educativa interna as nossas aldeias levantando discussões sobre território é pura identidade e visões de mundo cosmovisões e foram essas discussões que engendraram os direitos dos índios na constituição que nós temos hoje aqueles direitos que estão na constituição eles não são reconhecidos na constituição plurinacional que diz que (..) o Brasil é um estado

plurinacional como é o caso do Equador e o caso da Bolívia que são estados plurinacionais. (Krenak).

No trecho acima, a fala mostra a visão de vida do território como uma comunidade de cosmovisão que fortalece ideias, as quais engendram as Terras Indígenas como um direito ancestral que dá sentido original ao território que integra um mundo social, como espaço de convivência, em todos os sentidos de devolver à comunidade os direitos que o Estado tem usurpado dos povos originários. A frente contínua de luta dos Potiguara tem se somado à dos demais povos para garantir um direito presente na a Constituição Federal de 1988, que estabelece aos indígenas o chamado "direito originário" sobre as suas terras. Assim, o território é espaço onde se instala a significância ancestral (Stein, 2012, p. 68) e ações afirmativas no campo dos direitos, em virtude de seu desenvolvimento educacional, comunitário, tecnológico, econômico, saúde, mobilidade e cultural, dentre outros.

Portanto, os alicerces de uma ética do sentido, neste trabalho, ancora visões de mundo que traduz visões de vida de indígenas da etnia Potiguaras, que apesar de viverem em diferentes contextos, forma uma comunidade de cosmovisão, que significa apresentar com base na tríade do que foi “percebido-vivido-concebido”, por diferentes sujeitos indígenas e concomitantemente em seus diferentes espaços, onde foram relacionadas categorias linguagens, significados e racionalidade (razão para ação), dando significado aos princípios elementares que surgiram, nas unidades acima, categorias básicas que possibilitam afirmar que a Ética do Sentido da Vida se configura dentro da tríade dialética em poder compreender o que é “compreendido-vivenciado-comunicado”, a partir de uma percepção do pensar-sentir-agir na vida em sociedade e pensar-sentir-agir como povo, como comunidade, como coletivo. Sendo, objeto deste estudo captar o conjunto de sentidos, no campo das singularidades, que se articulam enquanto visões de mundo emergem das experiências e das vivências originárias, das quais deriva a visão sobre o sentido do mundo da vida numa atitude radical de comunicar.

O compreendido é o movimento do pensamento do pensar-sentir, é a forma como o mundo da vida é compreendido, sendo uma ação ou movimento do pensamento também criador de mundos que coloca a vida em movimento. Essa construção se dá a partir da realidade concreta-abstrato.

O vivenciado no mundo da vida se manifesta e ganha materialidade no viver na terra-território em toda a sua diversidade. É no território que se vivencia a terra-raiz é o espaço do habitar, mas também do vivenciar, do experimentar, a diversidade, o partilhamento de etnia, de comunidade, do comunitário. O mundo vivenciado é o que é

apropriado, retomado, transformado por fatores internos e externos que eram emoções, sentimentos, conflitos, contradições, inter-subjetividades, espiritualidades e resistências que faz vibrar experienciar a luta vivida no presente e afirma a luta de seus ancestrais.

O comunicado, é configurado nas variações dos modos de linguagens em que se manifestam os sentidos do mundo da vida, expresso através do lugar de fala e da escrita e da existência de uma cosmovisão mediante “comunidade cosmovisiva” cuja produção carrega significados sobre o agir em conjunto e em coletivo.

Apresentar essa triangulação foi necessário a fim de retomar os sentidos do mundo da vida coletiva a partir das linguagens que se relacionam com o mundo da vida Potiguara é compreendido, vivido e comunicado, cujos sentidos convergem para uma síntese de categorias, enquanto evidência de visões de mundo a seguir:

O conceito de Mundo da Vida, constituído por categorias do lugar originário das vozes que comungam um critério comum de pertencimento à etnia Potiguara. Pressupondo a necessária correlação com sentido da vida coletiva, essas categorias se esclarecem a partir da interação compreensão do mundo Potiguara, matriz da evidenciação do processo histórico-cultural. As categorias se referem aqui ao agrupamento de visões compartilhadas, que possuem propriedades semelhantes. Na unidade de análise 1), surgiram as categorias de significados no sentido de: ressurgimento, renascimento, retomada, vivificação. Na unidade (2), emergiram categorias de significados como: ancestralidade, ancestralidade violentada, anciãos, tradições ancestrais. Na unidade(3), as categorias de significados frequentes: terras, territórios, movimentos, lutas, culturas, enraizamento, , guerreiros, lideranças.

Todas essas categorias que depõem sobre o “mundo” ganham uma conotação do ambiente mais amplo que é cognitivo, prática que, nesse estudo, foi relevante. Os depoimentos narram assim o “mundo da vida” em que vivem os Potiguaras. E a visão de “vida” pode diferenciar,mas também ter similaridades. Portanto, podemos falar do mundo identificado com “a terra”, com “o território, com “o cultural”, com “o espiritual”, fenômenos com os quais, podemos nos relacionar de uma forma significativa.

Para entender a implicação dessas categorias, no significado da vida coletiva, é fundamental e necessário, romper com a concepção generalizada de território indígena, imaginado como uma realidade material independente, que existe em “si mesmo”. Contra tal visão, os depoimentos apontam fundamentalmente que as Aldeias como territórios estão atados à realidade social, cultural, política, econômica brasileira, cujo ponto de partida epistemológico está na dimensão de pensar a pluralidade e as diferenças dos mundos dos povos indígenas que não podem ser visto como um “todo homogêneo” presente no território brasileiro.

Deste modo, Potiguara é um povo cuja vida multiplica-se e espalha-se no mundo terreno da terra, onde se move os guerreiros, com capacidade e vitalidade como expresso pelo Cacique Luiz Catu *não deixar de forma nenhuma que o sangue Potiguara ele desapareça das nossas veias precisamos realmente **fortalecer a força do guerreiro Potiguara** para que a nossa nação não desapareça.* (grifo nosso). O significado se vincula ao ato ou à atitude de ser guerreiro, está firme na luta de suas ancestrais de preservar a existência de seu povo e o significado de resistência é também ancestral.

Uma visão da vida partilhada também pelos Potiguaras e que a Terra ganha um valor de raiz, terra dos Potiguaras, povos pertencente a essa Terra de significado sagrado que segue uma tradição da grande mãe terra, visão de mundo repassada para que as gerações mais novas aprendam a preservar e a respeitar essa tradição secular.

Assim, o significado dado ao Mundo-Terra, dá uma outra conotação ao Mundo-território, espaço partilhados por várias Aldeias, cujos depoimentos se vincula ao significado de luta pela retomada de suas terras, por entender a propriedade da terra como direitos coletivos de propriedade dos povos Potiguaras. A constituição do território está sempre associada a direitos fundamentais, ainda hoje ameaçados na tentativa de desenraizar os povos indígenas e assimilá-los na visão de mundo dominante do capital.

Deste modo, os territórios são espaços onde o Mundo identificado como “terra” objeto de numerosos conflitos entre os povos indígenas e grupos de interesses diversos, que querem, através de inúmeras estratégias e ameaças de morte, transformar os territórios em espaços desocupados e vazios, legalmente como um *domicílio vazio, para fins de exploração do capital. Deste modo, a visão sobre o Mundo-território sempre inclui uma visão de mundo que não exclui as* relações de poder nas quais ocorrem vários processos de negociação com o poder público, entendida como uma estratégia criativa de sobrevivência.

Nos depoimentos, surge uma visão importante de compreensão do Mundo-Território como enraizamento ancestral, a partir de cosmovisões e visões de mundo, que passam a ter um valor prático e ou de necessidade imediata de encorajá-la dentro do território como desejo de saber sobre os *acontecimentos essenciais* que deram aos Potiguaras a sua forma de povos original, e como sua forma de vida foi sendo modificado. Essas são questões que colocam o Mundo-Território como espaço de *coesão com a vida e fazem circular vozes ancestrais, que possam contribuir* em formar quadro de referência que permita aos indígenas Potiguaras integrar o que sabem sobre o mundo e sobre sua ancestralidade.

Neste sentido, as visões do mundo que conseguimos de alguma forma capturar,

neste estudo, em processo, colaborou para esclarecer a questão sobre os sentidos da vida coletiva, que evidenciam formas “de que significados são partilhados pelos Potiguaras” A interpretação da visão de mundo, tal como a vemos, visa conscientemente ao coletivo que não é identificável com uma pessoa. Agrupa lideranças representativas, ativistas do movimento, anciãos, escritoras, em que A Ética do Sentido da Vida é inevitavelmente apreendida com base em três respostas. (I) O sentido da vida é coletivo; II) O sentido da vida é ancestral e III) O sentido da vida é a luta pela preservação de todas as formas de vida no planeta.

Ao apresentar as possibilidades de constituição de uma Ética do Sentido da Vida, com base na visão de mundo indígena, encontrar significados que não sejam excludentes, mas que possam ser pensados em conjunto, no sentido de complementaridade. Discorrer sobre essas visões de mundo não é uma questão simples, sua fundamentação exige novos conhecimentos que permitem uma visão mais profunda, para não incorrer no erro de fazer generalizações a partir das respostas encontradas. Acreditamos que a contribuição dos conhecimentos gerados, neste estudo, são de grande importância, confrontada com problemas que não podem ser resolvidos apenas na teoria. Entendemos que a experiência dos indígenas da etnia Potiguara nos possibilitou explicações mediante sistemas de significado que como afirma “não pode ser determinada apenas pela sua relação com as ciências”. (Apostel L, 1994<sup>14</sup>.), Ressalta ainda que “uma visão de mundo deve permitir-nos “compreender” tantos aspectos do mundo quanto possível”.(ibid).

Assim, o conhecimento produzido, nesta pesquisa, é parte de um processo de escuta, tendo como critério uma escuta compreensiva de modo a unir compreensões sobre Ética do Sentido da Vida, cujo estudo não é conclusivo, uma vez que buscou o sentido originário de ouvir vozes do nosso tempo, que designa uma atividade de escuta de natureza compreensiva, uma vez que o compreender, surge afinado por uma disposição sensível de ouvir visões de mundo que nos remete para o fenômeno da escuta, que traduz uma reflexão acerca da emancipação ou autodeterminação dos povos indígenas, ampliando, desta forma, o repertório filosófico para questionar as evidências do nosso tempo, para um entendimento da cosmovisão indígena, sem perder de vista que cada povo carrega particularidade em sua visão de mundo.

---

<sup>14</sup> Referência: Aerts, D., Apostel L., De Moor B., Hellemans S., Maex E., Van Belle H., Van Der Veken J., Worldviews: From Fragmentation to Integration VUB Press, Bruxelas, 1994.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, procuramos mostrar que a ética do sentido da vida coletiva pôde ser apreendida basicamente à luz de três princípios fundamentais: ancestralidade, pertencimento coletivo, direito coletivo. Elas dizem respeito ao acervo cosmovisão e ou a visões de vida dos indígenas da etnia Potiguara, que desenvolvem uma epistemologia indígena mediante conhecimentos e processos interativos intersubjetivamente mediados pelas linguagem.

Tal epistemologia ancora a capacidade de linguagem e ação, movida por determinados valores morais e “ético-políticos ancorados em expressão comunicativa já que os processos interativos orientados pela intersubjetividade dos indígenas Potiguaras que comportam dimensões cognitivas, apoiados num substrato de linguagem comum, ancoram a reflexão de situações problemas sobre a vida nas Aldeias e as formas de processá-las.

As formas de vida processadas abrem possibilidades de pôr em movimento experiências e vivências, mas também conhecimentos e saberes, ao mesmo tempo em que possibilitam a construção de novas propriedades de transformação na atuação sobre o mundo. Neste sentido, os povos Potiguares abrem e dimensionam o espaço social da Aldeia de ação movimentalista, partilham valores e padrões sociais de conduta que regulam a convivência e a construção da auto identificação coletiva, estabelecendo fronteiras entre um “nós” e mundos de outros.

Evidentemente que as visões de mundo, construídas sobre o significado da vida, dependem das experiências e das bagagens culturais que cada indígena adquiriu em sua trajetória de vida precedente e, de circunstâncias históricas e sociais envolventes. Mas do que pressupostos tais processos de construção de visões de mundo consistem em uma prática que pode ser compreendida no campo das evidências empíricas. No Portal da Memória Potiguaras, o corpo dos depoimentos, são exemplos concretos de processos interativos que organizam o pensamento, sentimentos que possibilitam o aparecimento e a potencialização da imaginação criadora e a construção de visões de mundo em coexistência; com os saberes ancestrais que tornam evidente a ancestralidade como resposta sobre a seguinte indagação: qual é o sentido da vida coletiva?

Essa resposta mais substantiva surge no campo de significado de dimensão ética do significado da vida no contexto do caso dos Potiguaras, que esclarece a questão pouco explorada de saber se os povos e grupos de várias etnias indígenas são portadores de significado.

As condições que permitem uma ordem significativa no contexto da fala e da

escrita dos indígenas, não estão dissociado do pensar e do viver numa referência a saberes ancestrais que convergem para compreensão sobre a vida com base sabedoria de seus ancestrais, com um testemunho de vida transmitido de uma geração a outra.

Os saberes ancestrais, portanto, repousam no depoimento que cria uma mensagem, uma visão de mundo, em que a ancestralidade, pode portanto, repousar conexões e laços de família/parentes, transmissão intergeracional: origem geográfica, costumes, tradições culturais, língua, etnicidade partilhada, a exemplo da etnia Potiguara, que passam a criar narrativas expressas na forma de narrativas, depoimentos, crônicas, poesias, músicas, como fontes importantes oral e escrita para compor compor cosmovisão e visões de vida.

Deste modo, as produções cosmovisivas de autoria de indígenas Potiguaras fizeram da idéia de ancestralidade, um sentido ético, numa crítica essencial à história do mundo, que determina uma forma de humanidade e extingue formas de vida na terra, cujo significado sagrado do valor de toda forma de vida, presentes na cosmovisão ancestral, passou de forma imperceptível na história do mundo, da humanidade, escrita numa perspectiva civilizatória, que deu margem à perda de sentido, a condutas de crise, à anomia social.

Ainda outra resposta que surge, nas falas, sobre o significado da vida é o sentido dos laços ancestrais do mundo vivido por coletivos. O coletivo ganha significância da de movimento, que versam sobre formas de mobilizar ações coletivas na defesa de direitos coletivos frente ao Estado e suas estruturas de poder. Em geral, os movimentos indígenas, partem de contextos plurais, marcados por diferenças étnicas e por profundas desigualdades sociais e, sobretudo, por profundos *déficits* de reprodução material do mundo da vida.

O coletivo assume o sentido de movimentos, que mobilizam-se contra a expropriação e a violência de que são vítimas, vocalizando direitos à terra e às condições necessárias para nela viver dignamente. Em outros termos, os movimentos indígenas compõem a face movimentalista do mundo de vida, e depõem sobre um conjunto de conhecimento, crenças, sentimentos, e percepções que tendem a desqualificar as instituições políticas e fortalecer predisposições sócio-culturais à desconfiança em relação à institucionalidade político-democrática. Ao mesmo tempo, o movimento procura qualificar lideranças indígenas para atuar em diferentes frentes de caráter público, entre outros.

Do ponto de vista da formação, apesar de haver fragilidades, a preocupação tem sido de valorizar o sentido da vida em seu contínuo movimento no fortalecimento de direitos comuns concernentes a saberes ancestrais que incluem pensar problemas

sistêmicos que ameaçam a própria reprodução material; das formas de vida dos povos indígenas. Com isto, abrem-se brechas para constituição de visões de mundo que possam dar sentido à própria luta contra a miséria e a exclusão social, mais especificamente, de definir a democracia política como um valor estratégico.

A colonização do mundo da vida é como Habermas diagnosticou toda lógica desvirtuadora das interações comunicativas e compreensivas das interações linguísticas dos indivíduos (Lima, 2015). Por este motivo, o novo paradigma, toma como sentido nas nossas vidas e como um episteme política está frutificando alinhada a uma visão de mundo ancestral que nos oferece valiosas lições que nos orientam na transformação da nossa perspectiva sobre a vida que ganha sentido de força vital de coletivos e de comunidades, que renascem e ressurgem num tempo espaço social.

Assim, a cosmovisão ancestral indígena é a força vital que revigora a linguagem e faz brotar novas possibilidades de significação emancipatórias, materializada no paradigma emergente do “Vivir Bien” que se constitui numa possibilidade real de mudanças. Compreendemos que necessitamos de muitas pessoas diferentes e que partilhem um compromisso idêntico, para unirmos os nossos esforços de gerar uma multiplicidade de visões do mundo provisórias e evolutivas, permitindo, em última análise, a continuação do significado emancipação e rupturas a ser realizado.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Br.: Roberto Raposo, revisão técnica: Adriano Correia. 11ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- ARAÚJO, Marianna de Queiroz. **Equatorial**: A constituição da categoria caranguejeiro entre os Povos Potiguara da aldeia Jaraguá de Monte-Mór, PB. Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social / UFRN, Vol. 5, n. 9 jul./dez.2018.
- ARRUDA, Roberto. **Cosmovisões e Realidades: a filosofia de cada um. (3rd edition)**. (ed.) São Paulo: Terra à Vista, 2023.
- BARCELOS, Lusival Antonio. **O ressurgir dos Potiguara**. Artigo (Seleção de Doutorado) UFRN, 200.
- BONIN, Iara. **Cosmovisão Indígena e Modelo de Desenvolvimento**. Encarte Pedagógico V – Jornal Porantim Junho/Julho 2015.
- BRUCE Albert, Davi Kopenawa. **O espírito da floresta**. Companhia das Letras, Mar 24, 2023 - Social Science, 232 p. 2023.
- CATU, Luiz. **A organização da comunidade, formas de sobrevivência e a luta pela terra. Entrevista cedida à TV Coletiva**, 2015.
- CORREIA, Wilson; Carvalho, Iolanda. **Práxis educativa: tempo, pensamento e sociedade** Revista Portuguesa de Educação, vol. 25, núm. 2, Universidade do Minho Braga, Portugal. 2012.
- DE MORAIS Rodrigues, U.A ética ancestral na filosofia de Ailton Krenak: The ancestral ethics in Ailton Krenak's philosophy. **Modernos & Contemporâneos - International Journal of Philosophy [issn 2595-1211]**, 7(16), p. 190–207, 2023.
- ERNICCHIARO, Ana Carolina. Daniel Munduruku. **Literatura para desentortar o Brasil. Crítica Cultural – Critic**, Palhoça, SC, v. 12, n. 1, p. 15-24, jan./jun. 2017.
- GIACOIA Júnior, O. **Pequeno dicionário de Filosofia contemporânea**. São Paulo: Publifolha. 2009.
- HABERMAS, Jürgen. **Fé e saber**. Tradução de Fernando Costa Mattos. São Paulo: UNESP. 2013.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la Acción Comunicativa: racionalidad de la acción y racionalización social**. Madrid: Taurus, 1987. Tomo I.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la Acción Comunicativa: Crítica de la razón funcionalista**. Madrid: Taurus, 1987. Tomo II.
- HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HEBERT Araújo e Ana Beatriz Rocha, g1PB 19/04/2023  
<https://doi.org/10.14210/contrapontos.v19n1.p314-327> 05.03.2024

KATIÚSCIA Ribeiro, 19 de novembro de 2020 <https://diplomatie.org.br/o-futuro-e-ancestral/> 26/04/2024

KOPENAWA. Davi. **É o 'pouco índio' que está sustentando o planeta Terra, avisa Davi Kopenawa.** Entrevista concedida a [Paulina Chamorro](#), brt, 07/202.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 84p.2020.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** Editora: [Companhia das Letras](#), 2020.

KRENAK, Ailton. Radicalmente Vivo, como parte do intensivo SIM, a comunidade olugar.org. 2020a. <https://pdfcoffee.com/radicalmente-vivos-ailton-krenak-2020-pdf-free.html>

KRENAK. Ailton. **Humanidade vive divórcio da vida na Terra.** Entrevista concedida a João Pedro Soares, publicada por Deutsche Welle, 03.2021. (<https://www.ihu.unisinos.br/607933>)

[LOTH](#), Franziska. A Tese da Colonização do Mundo da Vida, Munique, GRIN Verlag, 18.p, 2007.

MENDONÇA, Joselma Bianca Silva de Souza José Mateus do Nascimento, Lusival Antonio Barcellos. **Etnoeducação Potiguara:** memória dos troncos velhos, cosmologia e saberes existenciais. *Religare*, v.17, n.1, p.105-140, agosto de 2020.

[MERTESDORF](#). Christine, [Weltanschauungsgemeinschaften](#), P. Lang. Alemão, 798 p. 2008.

MOONEN F, Maia LM. **Etnohistória dos índios Potiguara.** João Pessoa, 1992.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando.** São Paulo: U'Ka Editorial, 2010.

MUNDURUKU, Daniel. **Os povos indígenas são a última reserva moral dentro desse sistema.** Entrevista concedida a Pedro Stropasola, Brasil de Fato, São Paulo, 10/2021

MUNDURUKU, Daniel. **A rica tradição oral dos povos indígenas.** Entrevista concedida a Tina Demarche, Blog e Colunas, | 30/12/2021/b.

NAGLE, David K. **Cosmovisão:** a história de um conceito. Brasília, DF: Monergismo, 2017.

PALITOT, Estêvão Martins. **Os Potiguara da Baía da Traição e Monte-Mór: história, etnicidade e cultura** *Dissertação de mestrado*, PPGS/UFPB. 2005.

PORTAL. **Memórias do Povo Potiguara**, 2023. Disponível: <https://www.ufpb.br/portaipotiguara/index/>

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara.** São Paulo: Global, 2004.

POTIGUARA. Eliane. **Vamos conseguir chegar a um patamar de dignidade para todos os povos.** Entrevista concedida a Alex Rodrigues, Publicado em 04/2024 - Repórter da Agência Brasil – Brasília.

PODSCAT. Amazônia. **Pensando a Amazônia pela Literatura**. Eva Potiguara, Jama Wapichana e a literatura das mulheres indígenas. Publicado em 12/09/2023. <https://www.amazonialatitude.com/2023/09/12/mulherio-das-letras-indigenas/>

ROCKS, M. **Habermas**: Diferenciação do Mundo da Vida, Munique, GRIN Verlag, 2001. <https://www.grin.com/document/105167>

SILVA. Neuza Maria Correa da. Giacomolli. Dóris Helena Soares da Silva. **Discurso e Resistência na Obra Poética de Eliane Potiguara em Metade Cara, Metade Máscara, Contrapontos**. vol.19 no.1 Florianópolis jan./dez 2019.

STEIN, Ernildo. **Mundo Da Vida: problema epistemológico ou questão histórica**. Veritas – Revista de Filosofia da Pucrs 42 (1):5-11 (1997)

STEIN, Ernildo. **As ilusões da transparência**: dificuldades com o conceito de mundo da vida. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2012.

VANDENBERGHE, Frédéric. **The Books that Habermas Hasn't Written**. International Sociology Review of Books, vol. 26, n. 5, pp. 597-603, 2011.

VANSINA, J. **A tradição oral e sua metodologia**. In KI-ZERBO, J (org). História Geral da África: Metodologia e pré-história da África. Tomo I, São Paulo, UNESCO, 1982.

TURIN, Rodrigo. **Entre o passado disciplinar e os passados práticos: figurações do historiador na crise das humanidades**. Tempo. 24 (2): 186-205. 2017.

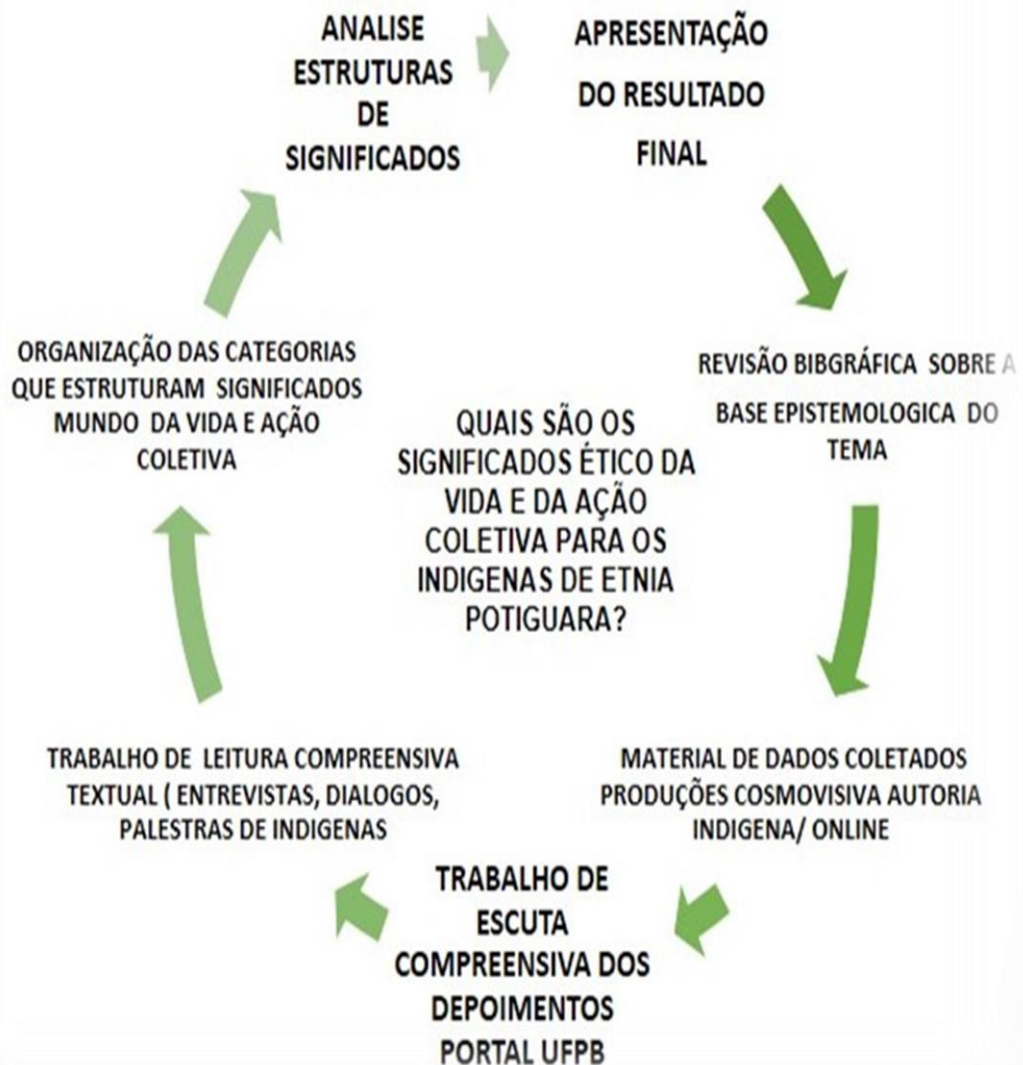
## **APÊNDICES**

1. Cronograma proposta para o estágio de Pós-Doutorado
2. Desenho da pesquisa
3. Conceitos-chave da investigação
4. Material de dados coletados mediante entrevistas de indígenas no “Portal de Memória Potiguará”
5. Material de dados coletados mediante seleção de produções cosmovisivas de ativistas e pensadores indígenas

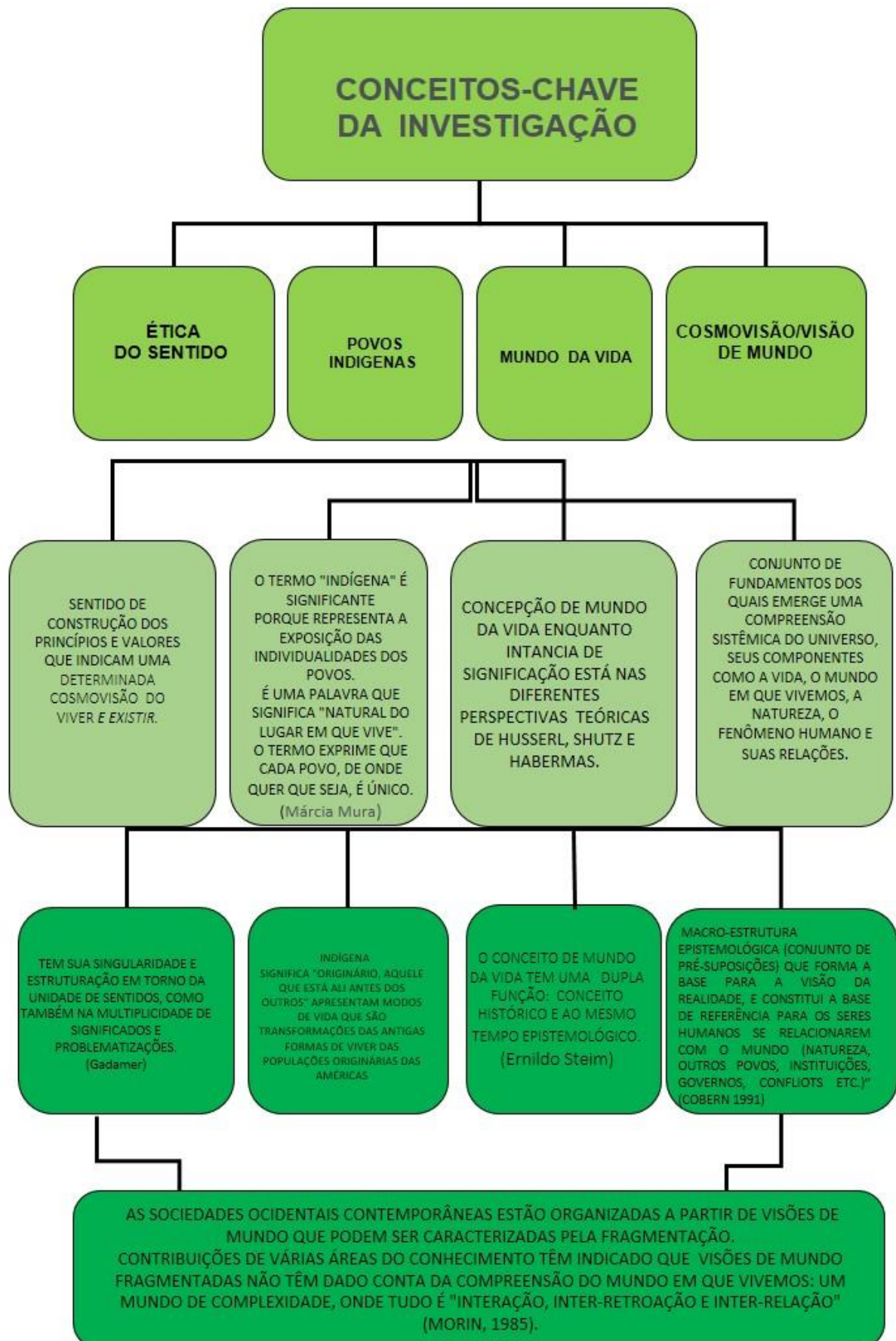


## APENDICE 2 - Desenho da pesquisa

### DESENHO DA PESQUISA INTERPRETATIVA E INTERDISCIPLINAR



## APENDICE 3 – Conceitos-chave da investigação



**APÊNDICE 4**  
**Material de dados coletados mediante entrevistas de indígenas no**  
**“Portal de Memória Potiguara”**

**COLETA DOS DADOS NA PRIMEIRA FASE DA PESQUISA .**



ENTREVISTA REALIZADA DURANTE A MOBILIZAÇÃO INDÍGENA DO ACAMPAMENTO TERRA LIVRE COM CACIQUE SANDRO, CACIQUE SI, CACIQUE ANIBAL E ROBINHO. 2023. ATL, TERRAS, DIREITOS E , LUTA



JOSECY SOARES DA SILVA, TEM 67 ANOS, É MORADOR DA ALDEIA TRÊS RIOS E UMA DAS MAIORES REFERÊNCIAS DE LUTA DO POVO POTIGUARA DA PARAIBA. 2023. MEMÓRIAS POTIGUARA: ENTREVISTA COM CACIQUE D



CACIQUE DA ALDEIA JARAGUÁ, ALDEIA LOCALIZADA NO TERRITÓRIO INDÍGENA DE MONTE-MOR. 2023. MEMÓRIAS POTIGUARA: ENTREVISTA COM CACIQUE ANIBAL



CACIQUE CAROOLINHO SEDE ENTREVISTA A TV ASSEMBLEIA. 2015 - NOSSA PARAIBA, BAIJA DA TRAIÇÃO,



CACIQUE RADUE DE SÃO FRANCISCO E INDÍGENA DJALMA DOMINGO PORTAL CORRÍDO 2018 - ÍNDIOS DA BAIJA DA TRAIÇÃO PRESERVAM CULTURA E COSTUMES



CAPITÃO POTIGUARA, DE 66 ANOS, RESIDENTE DA ALDEIA FORTE. 2023. MEMÓRIAS POTIGUARA: ENTREVISTA COM CAPITÃO POTIGUARA.



REPORTAGEM SOBRE OS POTIGUARA, ENFATIZANDO A HISTÓRIA DESDE A COLONIZAÇÃO, CONFLITOS, CULTURA MATERIAL E IMATERIAL DO POVO. TV ASSEMBLEIA PB. 2016 - TRILHA DOS POTIGUARAS



ANTÔNIO AURELIANO, DE 88 ANOS, CONTA SOBRE A ÉPOCA DA DEMARCAÇÃO, AS FESTIVIDADES, COMO O TONÊ E A REPRESSÃO DA LÍNGUA TUPÍ. 2023 MEMÓRIAS POTIGUARA: ENTREVISTA COM SEU TONHÔ



JOSÉ ANTÔNIO VIANA ANDÃO POTIGUARA E GATEIRO DO NOSSO RITUAL SAGRADO, DO TONÊ. 2023. MEMÓRIAS POTIGUARA: ENTREVISTA COM SEU ZÉ BITU



SÔNIA POTIGUARA, PRESIDENTE DA ORGANIZAÇÃO DOS PROFESSORES INDÍGENAS POTIGUARA... CHAM CENTRO DE HUMANIDADES. 2019 - ENTREVISTA COM SÔNIA POTIGUARA



CIDA POTIGUARA, DE 52 ANOS, RESIDENTE DA ALDEIA FORTE. CIDA É ENFERMEIRA E PARTEIRA DO POVO POTIGUARA DA PARAIBA. 2023. MEMÓRIAS POTIGUARA: ENTREVISTA COM CIDA POTIGUARA

## APÊNDICE 5

### Material de dados coletados mediante seleção de produções cosmovisivas de ativistas e pensadores indígenas

#### COLETA DOS DADOS NA PRIMEIRA FASE DA PESQUISA



SELVAGEM é uma esfera de aprendizagens e práticas que articula memórias e saberes indígenas e não indígenas, tradicionais, científicos, acadêmicos, artísticos e de outras espécies. Inclui rodas de conversas, publicação de cadernos e livros, ciclos de leituras e conteúdos audiovisuais (conversas online, vídeos e bate-papos).



DIÁLOGOS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO - UM PAPO COM AILTON KRENAK | 21 OUT. 22



DIÁLOGOS: DESAFIOS PARA A DECOLONIALIDADE NO DIA 6 DE JUL. DE 2019.



DIÁLOGOS: DAVI KOPENAWA NA UNB. CONVERSA DO ANTRÓPOLOGO JOSÉ JORGE DE CARVALHO COM O XAMÃ E LÍDER INDÍGENA DAVI KOPENAWA. 19 DE OUT. DE 2017.



ELIANE POTIGUARA - CULTURAS INDÍGENAS ESCRITORA, ATIVISTA E PROFESSORA NOS CONTA O QUE É SER POTIGUARA . 21 DE SET. DE 2017



MESA UM DIÁLOGO COM LIDERANÇAS POTIGUARAS TAYSE CAMPOS, POTIGUARA DO AMARELÃO E CACIQUE LUIZ KATU, POTIGUARA DE GOIANINHA. 24 DE MAR. DE 2021



O ESCRITOR INDÍGENA DANIEL MUNDURUKU, RECONHECIDO POR SUA PRODUÇÃO NO RAMO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL, CONCORDA COM DAVI KOPENAWA QUANDO O LÍDER INDÍGENA E XAMÃ YANDIMAMI DISSERTA SOBRE O RISCO DE DESABAMENTO DO MUNDO. 29 DE JUN. DE 2022



KAKÁ WERÁ - CULTURAS INDÍGENAS. DEPOIMENTO GRAVADO DURANTE O EVENTO MEKUKRADJÁ - CÍRCULO DE SABERES DE ESCRITORES E REALIZADORES INDÍGENAS, EM SETEMBRO DE 2016, EM SÃO PAULO/SP.



A VIDA NÃO É ÚTIL | AILTON KRENAK , NUMA FALA, PARA DESPERTAR A CONSCIÊNCIA DE NOSSA RESPONSABILIDADE COM O PLANETA, A NATUREZA E TODOS OS POVOS QUE AQUI VIVEM. 18.12.2020.



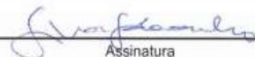

## **ANEXOS**

1. Folha de Rosto para Pesquisa Seres Humanos – Plataforma Brasil.
2. Parecer Consubstanciado CONEP
3. Folha de Parecer 1 sobre Solicitação de Entrada em Área Indígena
4. Folha de Parecer 2 sobre Solicitação de Entrada em Área Indígena
5. Lista de Protocolo SEI processo 08765.000778/2023-83 - Fundação Nacional do Índio (FUNAI) para liberação de ingresso em terras indígenas: pesquisa científica.

## ANEXO 1

## Folha de Rosto para Pesquisa Seres Humanos

## Plataforma Brasil

 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP <b>FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS</b>			
1. Projeto de Pesquisa: POR UMA ÉTICA DO SENTIDO DA VIDA HUMANA um estudo dos valores que orientam o direito à autoidentificação e autodeterminação dos povos indígenas Potiguara na Paraíba			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 150			
3. Área Temática: Estudos com populações indígenas;			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: IOLANDA CARVALHO DE OLIVEIRA			
6. CPF: 378.906.385-15	7. Endereço (Rua, n.º): Avenida Rocha, 318 BA-093 Palmares SIMOES FILHO BAHIA 43700974		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 71993814496	10. Outro Telefone:	11. Email: iole38@gmail.com
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data <u>17</u> / <u>09</u> / <u>2023</u>		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: ASSOCIACAO UNIVERSITARIA E CULTURAL DA BAHIA		13. CNPJ: 13.970.322/0001-05	14. Unidade/Órgão:
15. Telefone: (71) 3324-7500	16. Outro Telefone:		
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Responsável: <u>SILVANA SÁ DE CARVALHO</u>		CPF: <u>345.261.835-04</u>	
Cargo/Função: <u>COORDENADORA DA POSGRADUAÇÃO, PESQUISA E MOBILIDADE E ACADÊMICA</u>			
Data: <u>12</u> / <u>09</u> / <u>2023</u>		 Assinatura	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			
			

## ANEXO 2

### Parecer Consubstanciado CONEP

COMISSÃO NACIONAL DE  
ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.627.884

RESPOSTA: Na página 2 de 2, foram inseridas no Registro do Consentimento Livre e Esclarecido, a declaração de compromisso acerca da confidencialidade dos segredos, respeite as tradições culturais e proteja a privacidade dos participantes, considerando que como pesquisadora no Campo das Ciências Humanas declaro o meu compromisso de não patentear, nem usar para fins comerciais, o conhecimento tradicional adquirido em campo e catalogado, como prevê a Resolução CNS nº 304 de 2000 (art. 19, item 2.5.4) e com a Lei 13.123/2015, que dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

6. Conforme a terminologia da Resolução CNS nº 510 de 2016, art. 2º, inciso XXII, recomenda-se alterar o nome "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido" para "Registro do Consentimento Livre e Esclarecido". RESPOSTA: Na Pagina 1 de 2, acatamos a alteração do nome "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido" para "Registro do Consentimento Livre e Esclarecido". Conforme a terminologia da Resolução CNS nº 510 de 2016, art. 2º, inciso XXII.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

#### Considerações Finais a critério da CONEP:

Diante do exposto, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: Protocolo aprovado.

#### Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2208541.pdf	04/01/2024 15:15:42		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	RLCEGRIFOPDF.pdf	04/01/2024 15:12:31	IOLANDA CARVALHO DE OLIVEIRA	Aceito

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte

**CEP:** 70.719-040

**UF:** DF

**Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3315-5877

**E-mail:** conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE  
ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.627.884

Ausência	RLCEGRIFOPDF.pdf	04/01/2024 15:12:31	IOLANDA CARVALHO DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	CURRICULOPDF.pdf	04/01/2024 15:10:34	IOLANDA CARVALHO DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	CARTARESPOSTAPDF.pdf	04/01/2024 15:08:59	IOLANDA CARVALHO DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	RCLEPDF.pdf	04/01/2024 15:07:24	IOLANDA CARVALHO DE OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODETALHADOMODIFICADO.p df	23/09/2023 10:12:08	IOLANDA CARVALHO DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	TERMOCONFIDENCIALIDADEMODIFI CADO.pdf	23/09/2023 10:03:41	IOLANDA CARVALHO DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEMODIFICADO.pdf	22/09/2023 14:09:30	IOLANDA CARVALHO DE OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA.pdf	13/09/2023 22:51:54	IOLANDA CARVALHO DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	CARTAANUENCIA.pdf	13/09/2023 21:26:53	IOLANDA CARVALHO DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	INSTRUMENTOGF.pdf	13/09/2023 21:13:07	IOLANDA CARVALHO DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	IMAGEM.pdf	13/09/2023 18:59:21	IOLANDA CARVALHO DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	DOCUMENTORG.pdf	13/09/2023 18:51:00	IOLANDA CARVALHO DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	CARTA.pdf	13/09/2023 18:46:42	IOLANDA CARVALHO DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	DECLARACAO.pdf	13/09/2023 18:45:20	IOLANDA CARVALHO DE OLIVEIRA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar  
**Bairro:** Asa Norte **CEP:** 70.719-040  
**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA  
**Telefone:** (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

### ANEXO 3

## Folha de Parecer 1 sobre Solicitação de Entrada em Área Indígena



### Folha de Parecer sobre Solicitação de Entrada em Área Indígena

SOLICITANTE: IOLANDA CARVALHO DE OLIVEIRA

PROJETO: Por uma ética do sentido da vida humana: um estudo dos valores que orientam o direito à autoidentificação e autodeterminação dos povos indígenas potiguara na Paraíba  
AREA: Filosofia. Programa Políticas Sociais e Cidadania \_ Universidade Católica de Salvador

PARECER: ( X ) Recomendado                      (   ) Não Recomendado

#### JUSTIFICATIVA:

Trata-se de projeto de pesquisa em nível de pós-doutoramento a ser realizado na aldeia indígena Alto do Tambá, no Município de Baía da Traição, no Estado da Paraíba.

O projeto volta-se para a compreensão da ética do sentido na vida de povos indígenas Potiguaras, perguntando-se de modo mais específico sobre os elementos constitutivos dessa ética, bem como sobre os valores que orientam a cosmovisão dos Potiguaras sobre a autodeterminação dos povos.

O projeto pretende realizar grupos focais com participação de no máximo 10 indígenas por grupo. O espaço indicado pelo cacique é a Escola Municipal Indígena Maria das Dores Borges. O projeto apresenta Termo de Consentimento Livre e Esclarecido adequado.

A proponente é graduada em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, com mestrado em Sociologia Rural pela Universidade Federal da Paraíba – UFPA e doutorado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – UFBA.

Tanto o projeto, quanto a trajetória da pesquisadora apresentam consistência acadêmica e compromisso com a compreensão e valorização do universo étnico em questão, razão pela qual recomendo sua aprovação.



## ANEXO 5

## Lista de Protocolo SEI processo 08765.000778/2023-83

23/05/2024, 16:29

SEI - Acesso Externo com Acompanhamento Integral do Processo

FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS



## Acesso Externo com Acompanhamento Integral do Processo



## Autuação

Processo: 08765.000778/2023-83  
 Tipo: Ingresso em Terras Indígenas: Pesquisa Científica  
 Data de Geração: 28/08/2023  
 Interessados: Iolanda Carvalho de Oliveira

## Lista de Protocolos (15 registros):

<input checked="" type="checkbox"/>	Processo / Documento	Tipo	Data	Unidade
<input type="checkbox"/>	<a href="#">5625910</a>	RG	28/08/2023	Sedisc - CR-JPA
<input type="checkbox"/>	<a href="#">5625911</a>	Carta de apresentação do pesquisador	28/08/2023	Sedisc - CR-JPA
<input type="checkbox"/>	<a href="#">5625912</a>	Projeto de pesquisa	28/08/2023	Sedisc - CR-JPA
<input type="checkbox"/>	<a href="#">5625937</a>	Currículo Lattes - Iolanda Carvalho	28/08/2023	Sedisc - CR-JPA
<input type="checkbox"/>	<a href="#">5634542</a>	Cartão de vacina	29/08/2023	Sedisc - CR-JPA
<input type="checkbox"/>	<a href="#">5670962</a>	Auto rização do Cacique	05/09/2023	Sedisc - CR-JPA
<input type="checkbox"/>	<a href="#">5670963</a>	Declaração Vínculo Iolanda	05/09/2023	Sedisc - CR-JPA
<input type="checkbox"/>	<a href="#">5670964</a>	Carta DE APRESENTAÇÃO	05/09/2023	Sedisc - CR-JPA
<input type="checkbox"/>	<a href="#">5675158</a>	Atestado Médico	06/09/2023	Sedisc - CR-JPA
<input type="checkbox"/>	<a href="#">5625986</a>	Despacho CR-JPA	28/08/2023	Sedisc - CR-JPA
<input type="checkbox"/>	<a href="#">6542651</a>	E-mail CNPq envio Parecer de Mérito Científico	26/04/2024	AAEP
<input type="checkbox"/>	<a href="#">6542679</a>	Parecer Mérito CNP 1 (Recomendado) Iolanda	26/04/2024	AAEP
<input type="checkbox"/>	<a href="#">6542689</a>	Parecer de Mérito CNPq 2 (Aprovado)	26/04/2024	AAEP
<input type="checkbox"/>	<a href="#">6542823</a>	E-mail	26/04/2024	AAEP
<input type="checkbox"/>	<a href="#">6542919</a>	E-mail	26/04/2024	AAEP

## Lista de Andamentos (10 registros):

Data/Hora	Unidade	Descrição
26/04/2024 16:07	AAEP	Envio de correspondência eletrônica 6542919 (E-mail)
26/04/2024 15:51	AAEP	Envio de correspondência eletrônica 6542823 (E-mail)
25/09/2023 07:53	AAEP	Processo recebido na unidade
21/09/2023 12:09	AAEP	Processo remetido pela unidade Sedisc - CR-JPA
21/09/2023 12:09	Sedisc - CR-JPA	Reabertura do processo na unidade
06/09/2023 12:38	AAEP	Processo recebido na unidade
06/09/2023 12:01	Sedisc - CR-JPA	Conclusão do processo na unidade
06/09/2023 09:07	AAEP	Processo remetido pela unidade Sedisc - CR-JPA
28/08/2023 11:34	Sedisc - CR-JPA	Disponibilizado acesso externo para Iolanda Carvalho de Oliveira (iole38@gmail.com) até 12/01/2051 (9999 dias). Com visualização integral do processo. acompanhamento do processo.
28/08/2023 11:30	Sedisc - CR-JPA	Processo restrito gerado, Informação Pessoal (Art. 31 da Lei nº 12.527/2011)

## PARTE 2

### ATIVIDADES REALIZADAS NO ESTÁGIO DE PÓS-DOCTORAMENTO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS SOCIAIS E CIDADANIA, DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR-UCSAL.

A segunda parte do relatório diz respeito às atividades realizadas no estágio pós-doutoral, no Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Cidadania (PPGPSC), na linha de pesquisa Direitos Sociais e Novos Direitos, Construção de Sujeitos e Cidadania no período de 05/2023 a 06/2024.

A escolha da linha de pesquisa justifica-se pela aproximação de pesquisas anteriores desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Desse modo, a pesquisa alicerça-se numa trajetória anterior de atividades ininterruptas na pós-graduação *stricto sensu*. Deste modo, o estágio pós doutoral, nos remete ao desafio de uma experiência significativa de imersão de campo.

O planejamento da pesquisa de campo previa a submissão do Projeto de Pesquisa a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, que em 12.02.2024, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifestou-se pela aprovação do projeto de pesquisa mediante parecer: 6.627.884. Dentro da normatização do acesso externo ao Processo nº 08765.000778/2023-83 no SEI-FUNAI, foi feita a **solicitação de** parecer de mérito científico do CNPQ **para pesquisas com ingresso em terra indígena**, através da Coordenação- Geral do Programa de Pesq. em Ciências Sociais Aplicadas e Educação, sendo informada no dia 26/04, que os pareceres foram favoráveis (ver cópia em anexo) e enviados para FUNAI para as devidas providências. Por conta da demora da emissão da autorização de entrada na Aldeia Indígena, fez-se necessário recompor a forma de coleta do material de dados como citado na metodologia. Consideramos que a demora na autorização prejudicou o andamento da pesquisa com base na ação de campo.

## 1. PUBLICAÇÕES

### Artigo em coautoria com Professora Supervisora:

**Artigo 01: Por Uma Ética do Sentido da Vida Coletiva:Um Estudo da Visões de Mundo de Indígenas da Etnia Potiguara** (será submetido a Revista Mundau editada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas)

Esta publicação com cumpre a finalidade de apresentar os resultados finais da pesquisa executada no estágio pós doutoral do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Cidadania, da Universidade Católica do Salvador-UCSAL, na linha de pesquisa: Direitos Sociais e Novos Direitos, Construção de sujeitos e cidadania. No processo do estágio, o tema trabalhado na pesquisa foi a ética do sentido da vida humana, tema filosófico que se refere à compreensão das estruturas superordenadas de significados do sentido ético da vida e da ação coletiva, com base nas narrativas e nas memórias componentes de visão de mundo dos Potiguaras. O problema da pesquisa foi pautado nas seguintes questões: a) Qual(is) o(s) sentido(s) ético da vida e da ação coletiva para os indígenas Potiguara? Que noção de humanidade subjaz? Neste estudo, abordamos os seguintes conceitos a saber: Ética, visão de mundo, mundo da vida, intersubjetividade e agir comunicativo, numa imersão na obra: Consciência moral e agir comunicativo; do filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa de abordagem metodológica bibliográfica e hermenêutica, que envolveu uma compreensão metodicamente guiada pelas estruturas de significados, considerando que a hermenêutica rege processos de compreensão, viabilizada pelo recurso da linguagem e pelo movimento do pensamento. Os resultados evidenciaram as visões de mundo da vida ligado a teias e a instancias de significação, sendo justamente a base a partir da qual qualquer experiência é constituída.

**Palavras-chave:** ética; visão de mundo; mundo da vida, intersubjetividade, Potiguara.

**Artigo 02: Abordagem Hermeneutica da visões de mundo da Vida Coletiva por Indígenas da Etnia Potiguara**(será submetido a Revista Redin editada com apoio do Núcleo de Educação On-line (Neo/Faccat).

**Resumo:** Este artigo aborda a pesquisa qualitativa interpretativa no contexto da produção do conhecimento sobre o sentido ético da vida e da ação coletiva dos povos Potiguara. Busca-se descrever os métodos dessa pesquisa qualitativa interpretativa, a partir da análise hermeutica dos dados relacionado a narrativas e memórias coletivas que transforma o mundo da vida em significados éticos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa interpretativa, de base filosófica que apresenta-se como uma hermenêutica da vida, onde a experiência concreta vivida por indígenas Potiguaras elucidam a realidade como tecido de sentido. A abordagem hermenêutica se pauta nas obras de Jürgen Habermas sob o contruto mundo da vida comoinstancia de significados e de Jürgen Fohrmann Hermenêutica da Vida, que cria compreensão, para uma hermenêutica em favor de um conceito de compreensão da vida, que envolve narrativas e memórias componentes de cosmovisão e visões de mundo da vida coletiva nas vozes de indígenas Potiguara e de Jürgen Habermas sob o contruto mundo da vida comoinstancia de significados. Os resultados revelam a compreensão da linguagem e da escrita apropriadas ao sentido e significado da vida em sua dimensão ética.

Palavras chaves: método, hermenêutica da vida, compreensão, visões de mundo

## 2. ATIVIDADES ACADÊMICAS

### 2.1. Seminários de Estágio Pós-Doutoral

Participação na **reunião de apresentação da proposta** de orientação de estágio de Pós-Doutoramento do PPGPSC em 07.06.2023.

Participação no **Seminário I** de Estágio Pós-Doutoral para fins de apresentação do projeto de pesquisa e plano de atividades com cronograma em 25.08.2023.

Participação no **Seminário II** de Estágio Pós-Doutoral para fins de apresentação parcial da pesquisa : conceitos e dados empíricos em 23.03.2024.

**Participação no Seminário III** de Estágio Pós-Doutoral para fins de apresentação do resultado da pesquisa em 06.06.2024.

### 2.2. Atividades acadêmicas junto a supervisora do PPGSC

- [Participação na](#) Disciplina Tópico Especial: Cidade, Política e Insurgência, oferecida pela Profa. Dra. Aparecida Netto Teixeira. 2024.1

- [Participação do](#) XIX Seminário de Iniciação Científica, realizado em 29 de novembro de 2023, ~~participação~~ como coordenadora e avaliadora da sessão de comunicação 03.

- [Participação na](#) Reunião PROEXT para discutir propostas de ação de extensão para Pós graduação, ~~de acordo com o gerou o~~ Projeto Proext, em 4/12/2023 - Coletivos de Estudo e Extensão Avançados. UCSAL- CEA UCSAL

- [Participação da](#) Reunião de apresentação do Coletivo de Estudos e Extensão Avançados da UCSAL, 17/05/2024

## 3. EVENTOS CIENTÍFICOS

### 3.1. Eventos Científicos Internos (UCSAL)

- 26ª. Semana de Mobilização Científica da UCSAL (SEMOC), 23 a 27 de Out 2023. O Objetivo ´participar e contribuir na discussão temática - “Democracia E Cidadania No Século 21” O evento no seu conjunto foi importante no fortalecimento da produção do conhecimento científico.

- I Seminário Interdisciplinar de Pós-Doutorado: Diálogos Avançados em Políticas Sociais e Cidadania, realizado pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Políticas Sociais e Cidadania da UCSAL, realizado no dia 25 de agosto de 2023.

- XIX Seminário De Iniciação Científica, Realizado Em 29 De Novembro De 2023, E Participação Como Coordenadora E Avaliadora Da Sessão De Comunicação.

### 3.2. Eventos Científicos Externos

- Conferência Remota/Aula Pública Sobre Etnografia Em Foco: Experiências Em Moçambique - Prof. Dr. Fernando Bessa Ribeiro (Departamento de Sociologia da Universidade do Minho). Coordenação Prof. Dr. Ivonaldo Leite (UFPB/CCAIE/DED).
- Webinar no âmbito da disciplina Pesquisa em Educação Popular do Mestrado/Doutorado em Educação da UFPB. Professor Angolano Laurindo Vieira. Conferência Intitulada Sociedade, Escola e Pesquisa num Tempo em Mutação: fenômenos e desafios. 04/10 /2023.
- VIII Seminário Internacional de Práticas de Educativas – SECAMPO, Promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Etnia e Economia Solidária vinculado ao Departamento de Educação CCE/UFPB.
- Encontro Nacional de Estudantes Indígenas (ENEI) décima edição realizada entre os dias 16 e 20 de outubro de 2023, reunindo universitários Indígenas de todas as regiões do Brasil, realizado pela primeira vez na Paraíba - Aldeia de Jaguará.

